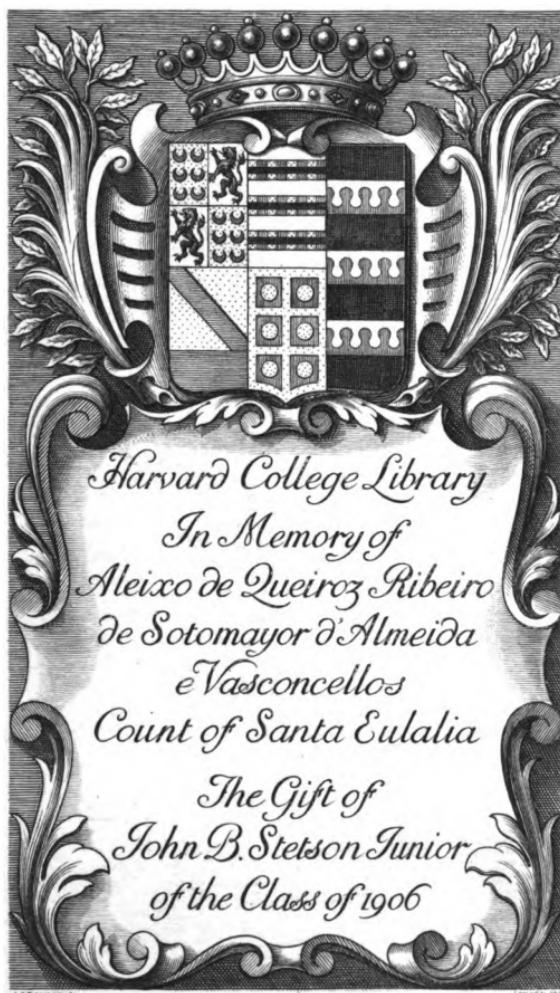
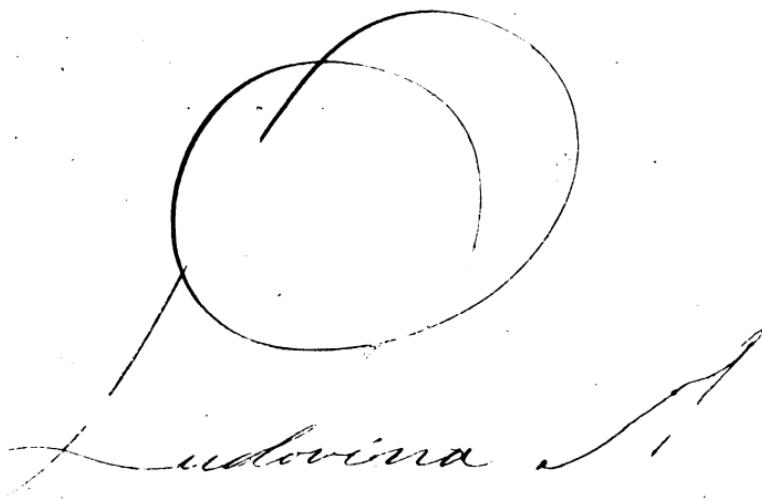




Digitized by Google



Port 5946, 3.20



Jº
Offercido a Exma Sra.
Dona

Lila Adelaidé Presidenta
Sra Lessa
Por
Alessandro Jose da Re
Cf

OBRAS

DE

ALEXANDRE BRAGA.

JG

OBRAS

DE

ALEXANDRE BRAGA.

—
VOZES D'ALMA,

PORTO

TYP. DE J. L. DE SOUSA ,
Rua do Bomjardim n.º 649.

—
1849.

Torit 5946.B.20

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

AUG 14 1924

A MEU PAE,

O SNE. ALEXANDRE JOSÉ DA SILVA BRAGA,

DEDICO

estes meus primeiros ensaios poéticos, como
um penhor de gratidão e amizade filial.



OU juntar mais um livro aos muitos que por
ahi andaõ a rôdo, despresados por todos
neste seculo d'illustração e *progresso* em que tão só-
mente se leem, no nosso velho e estropeado Portugal,
meia duzia de novellas d'*Alexandre Dumas*, e *Eugenio Sue*, ou algum artigo e folhetim de gazeta.

Não ignoro isto — não sou tão louco que desco-
nheça este desamor, ou antes *despresso*, com o qual
são recompensadas entre nós as cousas patrias; conhe-
ço-o perfeitamente, e não tenho esperança alguma de
vêr, isenta da sorte communi a todas as obras nacio-
naes, esta pequena collecção dos meus primeiros en-
saios poeticos. Creio n'isto tão firmemente como ac-
credo que, no fim dos séculos, terei de comparecer
no célebre valle de Josaphat: todavia não tive o va-
lor bastante para entregar ás chammas, ou conservar
por mais tempo inéditas as poesias, que agora dou á
luz.

Escrevi-as quando era mais ditoso do que hoje sou; quando a existencia era para mim antes um sonho do que uma realidade; quando via o mundo, atraíze do prisma mentiroso das illusões, não um deserto esteril e medonho, onde o homem vaga como espeçtro, como escravo da craqão; mas um jardim de fadas; mas um éden de delicias, um verdadeiro paraíso do Al-Corão — quando a vida me sorria tão feliz e tão bonancosa, como deveria ser os primeiros dias d'Adão e Eva — como Milton os pôde imaginar. Escrevi-as taes como m'as dictou o coração, como elas vinhaõ lá de dentro, do mais recondito de minh'alma: hoje porém que, tão moço ainda, já vejo perdidas todas as minhas esperanças de mancebo; extintas todas as illusões que me doiravaõ a obra do Creador; todos os sonhos que sonhára acordado — que valor não fôra necessário para entregar ás chaminas tudo quanto me resta, as recordações d'um passado venturoso, — esta pequena collecção de saudades, estas *vozes de minh'alma* transmittidas ao papel na linguagem da poesia, nos echos do coração? Era inister ser um Chatterton, como o pôde conceber Alfredo de Vigny, para as purificar no fogo, e enviar-las ao céu em sacrificio soleinne!

Hesitei comtudo algum tempo em lhes dar publicidade; mas já muitas d'ellas tinhaõ sido estampadas nas columnas d'esses jornaes que por ahi vogão... Esta idéa fez-me resolver em fin a juntar, e inserir n'um volume não só as poesias já publicadas, mas

tambem outras muitas que conservava inéditas: formei pois este livro que arremeço á multidão que nunca o entenderá — e ao pequeno numero d'eruditos que talvez o porão na estante sem o lerem, ou m'o atirarão, depois de o haverem folheado, debaixo da banca, e lhe darão um pontapé de despeso, esprí-guiçando-se na poltrona, e balbueiando a custo: — «*E' preciso ter paciencia de Job para o ler!*» — e continuaro depois, como até esse tempo, no seu *saclo* ocio.

E é isto o que devo esperar. Infelizmente não tenho um nome conhecido, e o nome, quasi sempre, é o escudo do escriptor.

Todavia julgo que a critica deverá ter para comigo alguma contemplação. Este livro é, como já disse, uma pequena collecção das minhas primeiras producções poeticas, e por isso mesmo quero-lhe muito, mas não me cega tanto este amor que o julgue isento de defeitos: creio sim que ha n'elle alguma poesia, quando não tenha outro nenhum valor — e já isto é bastante merito para uma obra que não passa d'un primeiro ensaio: demais, conto apenas vinte annos d'idade, e algumas das poesias, insertas n'este livro, tinhaõ já sido escriptas e publicadas em 1847 — é verdade que, não só estas, mas todas aquellas que julguei carecerem de reforma, foraõ agora augmentadas, diminuidas, ou alteradas como melhor me convie; mas nem por isso deverão exigir de mim toda a mestria d'un homem que consumisse dez ou vinte annos na leitura d'un *Schiller*, ou d'un *Byron*.

A' vista d'estes motivos julgo que deverei esperar alguma benevolencia da parte do leitor; e se me não enganar, se emfim tiver a ventura — (o que será difícil) de não desagradarem as *Vozes d'alma*, não será este o ultimo livro que darei a lume; mas se, pelo contrario, ellas forem despresadas, ver-me hei constrangido a seguir outro rumo — escreverei artigos e folhetins de gazeta.

Porto 31 de Julho de 1849.

INTRODUÇÃO.



U, oh musa dos céus, que meiga inspiras
Aos archangos do Eterno os sacros hymnos,
Desce á terra uma vez sobre aurea nuvem
Recamada d'azul, de prata, e fôgo!....
Rainha da poezia, ao pobre bardo
Vem risonha assagar; co' as tranças d'ouro
Lh' enxuga o triste pranto da saudade,
E em ternissimas queixas, pouco e pouco,
Lh' ensina a minorar as magoas d'alma.
Vein, com meigo sorriso, e ledo rôsto,
Com travesso folgar, dictar-lhe os carmes,
Concertar-lhe da lyra as aureas cordas,
Doirar-lhe as illusões, doirar-lhe a vida,
Ensinar-lhe na terra os sons dos anjos!
Oh musa divinal, nos meigos olhos
Traze o fôgo dos céus; n'um seu requébro

Lhe abrasa o peito , lhe aviventa o éstro !
S'elle carpir d'amor , sejaõ seus versos
Como extremo cantar de brando cysne ;
Se alegre descantar d'amor os gôsos
Mane dos labios seus o mel celeste,
Anda ensinar-lhe a lér na luz dos astros ;
No susurro dos mares , da floresta ,
No ronco do trovão , mostra-lhe , oh Musa ,
D'um Deus a omnipotencia , a voz do mundo.
Vem inspirá-lo — em paga te protesta
Tão doces carmes modular na terra ,
Que os repitaõ nos céus os proprios anjos.

Porto 6 de Fevereiro de 1847.

GONÇALO HERMIGUES.

I.

— Eia ! remeiros , aos remos ,
E remar a bom remar ,
Que já doira a luz da auróra
As rochas á beira-mar :

Aos remos ! vamos . . . ligeiros
Do Tejo as agoas cortae ;
— São tão lindas estas margens ,
Estes céus ! — remae , remae :

Vamos ! vamos ! junto á terra ,
Do musgo junto ao verdor
Eia ! remae ; não me roubem
D'Almada a mais linda flôr.

Remeiros, remae, que os astros
Já fogem á luz do sol —
E, na floresta perdido,
Canta ao longe o rouxinol:

Remae, remae, n'essas praias,
Entre incantos mais de mil,
Festejando a madrugada
Já folga a moirisma vil.

Remae, que busco a mais linda
D'entre as *houris* do Corão,
Que tenho alli, entre moiros,
Alma, e crença, e coração. . . .

Tenho-a alli bella florinha
Linda pérola do Islam,
Mais feiticeira, mais pura
Do que a brisa da manhã:

Vi-a, e logo escravo d'*ella*
Quiz colher tão linda flór,
Jurei-o por Deus: não quebra
Sua jura o trovador.

Eia! remae... Contra os moiros
Vamos além pelejar:
— Folgae, perros, que o Propheta
Não vos ha-de abandonar!

A correr, entre a verdura,
Vède o Tejo de crystal;
Vède a brincar co'as flôrinhas
Doce brisa matinal:

Vède da *Arrabida* as serras,
Com nublado, extenso véu,
Lá d'entre as vagas subindo
Gigantescas quasi ao céu!

Mas tremei... D'*Hermigo* a sombra
Contra vós se alevantou —
Tinta de sangue, irritada
Esta espada me entregou.

Ei-la aqui: trocou por ella
Pobre lyra o trovador;
Paterna herança, este ferro
E' dos moiros o terrôr! . . .

Mas... olhae... Lá folga alegre
Entre as donzelas d'Allah —
Ei-la ahi, estrella d'alva,
Linda rosa de Judah!

Remeiros, é tempo, á terra,
Guiae á terra o batel;
— Dorme o anjo da pureza
Entre a moirisma insiel. »

E os remos remão ligeiros
Sempre, sempre, sem parar,
E a barca a fugir parece
Formoso eysae a boiar;

Já das margens c'os perfumes
Vem a brisa a rescender....
Perto estão: brandas areias
Começa a barca a fender.

— « Vamos, remeiros, aos moiros !
Tomae lanças e broqueis...
Não nos esperão.... A' guerra !
Guerra e morte aos infieis ! » —

II.

Já doira as agoas do Tejo
Da manhã sereno alvôr,
E os moiros conversaõ ledos
Ou de guerras, ou d'amor.

Pelas praias, descuidadas
Que lindas moirás lá vão !...
Quem n'as vê fica sem alma
Seja infiel ou christão :

Fica sem alma, que, ao vê-las
Tão gentís, todas do céu,
Ninguem resiste — e por ellas
Moirar-me quizera eu !

Tudo é paz: já não fulgura
D'almendra a horrível luz;
O pendão das meias luas
Não teme os crentes da Cruz.

Longe, bem longe d'Almada,
Jaz d'Ourique o vencedor:
Do Mondego o prendem ágoas,
Das margens d'elle o verdor:

Mas ao largo horrivel grita
Pelo espaço retumbou;
Grito de guerra.... entre os moiros
Terror de morte espalhou!

— « Crentes d'Allah, eis a gente,
Eis a grita do Christão;
Fujamos.... não é vergonha
Fugir d'infame traição ! »

— « Sanct'Iago e rei Affonso !
Vamos ! vamos ! batalhar ;
Ricos despojos de guerra
Hão-de estas praias juncar !

Vamos.... não fica no campo
Um só neto d'Ismael,
Quando de Gonçalo Hermigues
Reluz o ferreo broquel !

Nem ficará , qu'eu protesto
D'estes perros triumphar ;
Mil turbantes e mil craneos
Hão-de estas praias juncar ! —

Disse , e com medonho aspecto
Brande a espada o trovador —
Espada que se não torce ,
Que é dos moiros o terror !

Quando brilha é mais terrivel
Que do raio atro claraõ ,
— Não lhe resiste érea cota ,
Nem ferrenho morrião !

Não resistem , que essa espada
E' sempre aos moiros fatal :
Onde passa , abre na terra
Rubro lago , por signal.

Fogem os moiros , inermes
Nem procuraõ resistir
Oh ! que horror ! Terrivel noite
Venha estes sitios cubrir !

Venha-os cubrir : não se veja
Tão cruento batalhar !
Não se vejaõ mil cabeças
Mutiladas , pelo ar !

Não se vejaõ vinte adagas
Tintas em sangue infiel ;
Nem morrer velhos e virgens
Da batalha no tropel !

Creantes d'Allah ! não vos salvaõ
As sanctas leis do Corão ;
O pendão das meias luas
Cahio aos pés do Christão !

Sois escravos ! . . . Contra *Hermignes*
Quem podéra batalhar ?
Ai ! de vos, que n'estas praias
Nunca mais vireis folgar !

Nunca mais vireis, contentes
A' luz nascente do sol ,
Do Tejo nos densos bosques
Escentar o rouxinol :

Nem a brisa ha-de abrandar-vos
D'ardente sesta o calór ,
Nem vossas virgens fallar-vos
D'Allah , da patria , e d'amor.

Creantes d'Allah , não vos salvaõ
As sanctas leis de Corão . . .
Em vão chamaes o Propheta :
Sois escravos do Christão.

III.

Onde vaes, *Gonçalo Hermigues*,
Quem te faz correr assim ?
Levas, nos braços de ferro,
Meigo, gentil cherubim !

De moiro, que degollaste,
Montas sangrento corcel :
Treme inda d'espanto ao ver-te
Dos captivos o tropel. . . .

E tu fóges ! Póde acaso
Tornar-te cobarde o amor ?
Foges porque tens nos braços
D'Almada a mais linda flor ?

E o corcel corre ligeiro
Como a setta a sibilar,
Como o fôgo da tormenta,
Como as ondas lá no mar :

Corre, corre. . . . mas agora
Oh ! já não póde correr. . . .
— « Pára, e treme, *Dom Hermigues* ;
Ou resgatá-la, ou morrer.

Elle parou — vio a furto
Ferrênhо alfângе luzir,
E sentio, d'entre seus braços,
A linda moira fugir :

Olhou... Ao longe correndo
Montado em leve corcel,
Audaz, valente guerreiro
Leva o anjo d'Ismael.

Hermigues, treme... No peito
Sente a vila, sente o amôr;
Receio não; nada teme,
Que é mancebo e trovador:

— « Corre, corre, meo ginete,
Moiros mil aos pés calcar,
Que me roubarão dos braços
O anjo do meu sonhar!

Disse e parte: — mais que o vento
Corre o fogoso alasaõ;
Corre, corre mais que o raio,
Mais que a lava do volcaõ:

Corre, corre... ei-los já perto...
Ei-los juntos, e a brigar!
Entre golpes mil de morte
Cahe morto o neto d'Agar.

Pallida e muda a donzella
Branca estatua — alli sieou,
Quando *Hermigues* triumphante
Como escravo assim fallou:

— « Ah ! não temas : são teus loiros
Os loiros do vencedor ,
Dá-te a gloria o cavalleiro ,
Dá-te a lyra o trovador ;

Juro até , linda *Fatima* ,
Que teu escravo serei ,
S'esquecer tu me promettes
De Mafoma a torpe lei . »

IV.

Ai ! quanto não és formosa ,
Sanctarem , como és gentil
Com teus bosques d'esmeralda ,
Teus feitiços mais de mil !

Junto de ti , caudaloso
Corre o Tejo a murmurar —
Tu miras n'elle , soberba
Tua belleza sem par !

Miras n'elle , os altos muros ,
A mesquita , a barbacã . . .
Encantos , que tinhas , moira ,
Inda os tens , sendo christã .

Debalde quizerão moíros
Conservar-te em seu poder ;
Foi debalde : — contra *Affonso*
Quem se pôde defender ?

Perderão-te.... onde tremia
No adarve o maureo pendão,
Tremula, especre de morte,
A bandeira do Christão.

A' lerta! jámais o esculca
Nos teus muros bradará;
Nem os echos das montanhas
Dirão o nome d'*Allah*!

Nunca mais, que nos teus muros
Folga o guerreiro da Cruz;
E do Christão a armadura
Mal alvorece, reluz!

Ai! Sanctarem, como és bella,
Quem assim te infetiçou,
Que Dom Affonso o *Mondego*,
Para te ver, despresou!

Ao longo das tuas praias
Olha... lá vae a folgar....
Cerca-o luzido cortejo
De gentileza sem-par!

Tão cedo!.... mal no horizonte
Começa o dia a romper!
Por tão alta madrugada
Que irá elle alli fazer?

Que irá fazer ?... Olha , ao longe
Negrejaõ negros bateis ;
Bôa presa são por certo ,
Que são barcos d'insieis.

El-rei parou : a celeuma
Já fêre os echos d'além :
— « *Terra ! terra ! — Entre a verdura*
Lá campéa Sanctarem !

— *Terra ! terra !* » — Em torno aos barcos
Vê-se a escuma espadanar ;
Parece longo sudario
Nas trevas a branquejar :

Ei-los em terra : — soberbo
Marcha affoto o vencedor ;
Rica presa , e mil captivos
Traz a seu rei e senhor.

— « Dom Affonso , Dom Affonso ,
Verdes loiros te ceisei ;
Porém , d'entre escravas tantas ,
Uma só te naõ darei .

Ei-la aqui : já me pertence ,
Já lhe dei meu coraçao ,
Que naõ tarda , que renegue
Das falsas leis do Coraõ :

Senhor rei Affonso Henriques,
Premio foi do vencedor:
Venci-a — foi minha c'roa
D'*Almada* a mais linda flôr.

E a moira toucou-se alegre
D'alvos *lyrios* baptismaes;
Fez-se christão : quem despresá
Do trovador ternos ais?

D'*Oriana* o meigo nome
Deo formoso archanjo ao céu;
E d'*Almada* a flôr mais linda
Ao bardo, o sancto hymineu.



VINGANÇA D'UM ARABE.

 sol arde nos céus — uma só nuvem
Naõ lh'empana o fulgor ; ardentes raios
Chovem , cahem do ar , abrasão tudo
Pela vasta extensaão do longo oceano ,
Deserto immenso d'areaes inhóspitos
Do mui famoso *Beda*. Ardem , refervem
As arèas , e as róchas : naõ se avista
Doce abrigo de paz , ameno oásis
Na fresquidaão de concavo arvorèdo ,
Ou d'agreste caverna : — e só , bem longe ,
Linda moça caminha , contra o peito
Estreitando o filhinho : meigo o aspecto
D'anjo formoso tem ; mas no semblante
Empastado de sangue naõ fulgura

Dos lindos olhos o fulgor celeste,...
Cega e tão joven, sem arrimo, oh bella,
Ai! onde vaes assim? Onde caminhas
Pela vasta extensaõ d'immensa aréa?

Oh! não prosigas, não: — nenhuma esp'rança
Pôde vir assagar-te da existencia
Doirados sônhos, arrancar-te á morte;
Foge, foge d'aqui — bem largo o mundo
Mil asylos de paz ha-de off'recer-te
D'alegria e bonaça. O teu filhinho
Naõ mates ao nascer; deixa que um dia,
Sobre a loisa da mae, vá solitario
Dos cyprestes á sombra reclinar-se,
E banhar com seu pranto as roixas flôres,
Os goivos do sepulchro!

Pára, detem-te, oh bella! Mas..., escuta....
Não ouves? Largo — ao largo — lá resôa
Tinir confuso d'armas, e monótono
Arruido de passos, similhante
Ao rebramar do indômito oceano
No seu jazigo eterno. Opaca nuvem
D'aréas, que rubis no céu parecem
Ao resplendôr do sol, esvoaça ao longe,
E, como raios, scintillantes brilhão
Luzidias espadas.— Uma esp'rança,
Uma esp'rançainda tens; caminha avante;
Sorri, sorri d'alegre — mais humanos

Que os teus irmãos d'Arabia , oh ! são por certo
Os valentes do Sena. Eia ! caminha....
Não temas , não : do Egypto os inimigos
Com sangue d'innocentes não maculão
Os loiros da victoria.

E a triste caminhox com passo incerto
Ao longo do areal ;— e o tenro filho
Ora lhe beija o rosto , ora travesso
Brinca co'as longas , trémulas madeixas
Da malfadada mãe , e os olhos cobre
Co' as mãosinhhas sangrentas.

Salve , dia de paz , e de resgate
Aurora bonançosa !— Ah ! por mais tempo
Tu naõ has-de soffrer a horrivel sorte
Do barbaro destino. Anjo perdido ,
Entre os vaivens do mundo , em mar d'enganos ,
Pérola , que esvoaças sem destino
Por esse abysmo infindo , ah ! folga alegre ,
Sorri , que o anjo , da innocencia amparo ,
Co' as longas azas vem cubrir-te a fronte ,
E , nas chagas do peito , e nas profundas
Ulceras d'alma , derramar-te amigo
Da compaixaõ o balsamo suave ,
Diadema do infortunio.

— « Donde vens , innocent? Que destino
Por estes sérros t'encaminha os passos ?

Foge , salva-te , oh filha do deserto :
Busca outro rumo , mais amenos sitios . . .
Aqui . . . além . . . mais longe , sempre a morte
Traíçoeira sorri ! — Céga e sósinha
O sol nem vés , e lá no ardor da sésta
Ha-de , n'um mar de fogo , o sol matar-te ! » —

Era a voz d'um soldado : as longas barbas
Pranto de compaixaõ lh'as banha agóra ,
E nas batalhas , ao tinir dos ferros ,
Ao troar do canhão , aos ais sentidos
Do compauheiro exangue , nunca , nunca
De cobarde chorou !

— « Horrivel sorte

Me atormenta : . . . ai , se acaso sois piedoso
Se o meu delicto compaixaõ meréce ,
Matae-me sim , mas naõ mancheis a dextra
No sangue d'elle . . . oh naõ ; meu triste filho
Innocentinho está . . . jurae salvar-m'o . . .
Que m'o naõ mate o barbaro ! Mas antes
Deixae qu'inda tma vez o aperte ao seio ,
Ao seio maternal . — Filho , meu filho ,
Luz de meus olhos , crença de minh'alma ,
Adeus ! é força , é força abandonar-te . . .
Nada te posso dar , oh ! nem meu pranto ,
Nem meu pranto , ai de mim ! » —

— E a malfadada

Nos braços apertava o innocentinho
Com excessivo amôr , materno affago :

Em vez de pranto, lagrimas de sangue
Lh' escaldavão as faces, e a mesquinha
Em tristes orações, aos céus rogava
Melhor ventura, e sobre o lindo infante
Beijos e beijos cumulava doida!
Depois — arranco d'alma, extréma angustia
Do peito d'homem, retalhar cruento
De vida e coração — alonga os braços
Ao protector, mas logo horrorisada
O filho esconde e foge....

— « Ah ! não, não posso....
Filho, meu filho não te deixo... ah ! nunca !....
Se m'o quereis roubar, tira-me a vida. » —

— « Morre, sim, morre, venenosa serpe,
Mulher infame, que do opprobrio o fructo
Nos braços inda apertas; — morre, e espia
C'o torpe sangue o crime inda mais torpe. »

Ella tremeo: — estatua d'un demonio
Braços cruzados, e c'o ferro em punho
Rapido, d'entre as duras penedias,
Um mancebo surgio. D' *Arabia* o clima,
Inda ao nascer, no berçó da innocéncia,
De bronzea côr tingio-lhe o lindo rôsto.
Formoso aspecto tem; mas no semblante,
A' flór dos olhos, lá das seios d'alma
Selvatica alegria transparéce,

Como perfume de flóriinha occulta,
Como o brilho do sol , quando a tormenta
D'espessas sombras lh'acoberta a face !

— « Tréme , tréme , perjura ! O teu delicto
Naõ merece perdão ! .. ah ! naõ : meu filho
Filho do crime foi. — Môrra , naõ fique
Sobre a terra , aqui mesmo no deserto ,
Onde a vida é d'angustias um martyrio ,
Onde o céu , onde o chaõ vomitaõ fôgo ,
Um só ente que possa recordar-me
Minha vergonha , meu cruel ciúme ! » —
Disse — e dos braços da infeliz arranca
O filhinho inocente ; e , furibundo ,
Chammas nos olhos , o semblante em fôgo ,
Sorrir do inferno nos tostados labios ,
Nas crèspas róchas lh'espedaça o craneo ,
E lh'o calca sorrindo ! ..

— « Ah ! desgraçado
Que os olhos te arranquei , doloso monstro !
Oh ! quem déra que o visses , quem podesse
Mostrar-te o filho agora , e ver-te , alegre ,
Junto dos restos seus morrer de mágoa ! » —

Brande irado o punhal , e , mais ligeiro ,
Que o raio d'atra nuvem despedido ,
No peito da infeliz o ferro embebe . . .

Ella cahe.... e, no extremo arfar do seio,
Filho! meu filho! exclama.

Elle soberbo ,
Exultando no crime , os olhos fita
No espectaculo atroz.... Sorri-se altivo ,
Sorri com rir medonho , e o ferro crava
No proprio seio e cahe.... raivoso expira !

SALUQUIA.

I,

AE alta a noite : — a lua magestosa
Entre milhōes d'estrellas scintillando ,
Como o lirio entre as rosas da campina ,
Joia da creaçāo , reflecte ao longe
O seu brilhar de seculos . — Soberbo
Lá campea , nos serros das montanhas ,
Denegrido castello , qual s'eleva ,
Em ermo cemiterio , d'entre as campas ,
O filho do sepulchro , altivo cédro !

**Salve , castello annoso ! — Os teus mysterios
Cobre-os o véu da noite : ninguem sabe**

Que folganças lá vão ! Tu , solitario
Gigante das montanhas , apresentas
Ao pobre viandante as altas torres ,
As cortadas ameias , similhando
Fileira immovel d'horrídos phantasmas !
Em torno a ti , das serras o silencio ,
Monarcha do deserto , empunha o sceptro ;
E só — d'espaço a espaço — a voz do esculca
Vae acordar os solitarios echos
Das montanhas d'além , e o vento agreste
Zumbindo nas ameias , pelo adarve ,
Pelas fisgas das rochas , traz á idéa
Do moribundo os lugubres gemidos....
Salve , gigante enorme , altivo espectro ,
Guarda da solidão , eu te saúdo !

Oh ! quantas , quantas guerras d'exterminio
Tu não viste d'aqui , rei das montanhas ,
Soberbo monumento d'outras eras !
Lanças e adagas , cotas e turbantes
Alastrarão o chão , e o turbo *Ardilla*
C' o *Brenhas* confundido , em rubras ondas ,
Foi de sangue banhar teus altos muros !
Tu zombaste do tempo : escarneceste
Do esforço d'homens.... Viste , sempre immovel
Em teu erguido throno , aproximarem-se
Catapultas , balistas , que não temem
Os cédros do deserto a tempestade !
Hoje.... dormes em paz , deitado á sombra

Da bandeira do Islam , no antigo leito
Onde outr'ora dormio *Aurocítana*.
Salve , gigante enorme , altivo espectro ,
Guarda da solidão , eu te saudo !

Nos doirados salões do nobre alcáçar ,
Quando a estrella do Islam jámais temera
A bandeira da Cruz — dos teus alcaides
Em pomposos saraus , e alegres festas ,
D'aérea dança nas aéreas voltas ,
Viste de *Moira* as mais formosas fadas ,
Perdidas , engolphadas docemente
Em deleitosa nuvem de perfumes ,
C'os mais valentes , mais gentis mancebos
Da seita do Islamismo . — Os teus alcaides
Nunca jámais tremerão ; mas a morte
Veio ceifar seus loiros , e os destinos
Te derão , como herança , á destemida
Filha de *Buagon* — valente moiro ,
Senhor de longas terras , cuja lança
No Alem-Tejo guardava , em dez castellos ,
Das meias luas o pendão soberbo !

Briosa e denodada a linda virgem
Era a joia do Islam : — pura , innocent
Quaes celestes *hourás* ; mais pudibunda
Que a pudibunda , nacarada rosa ;
Do niveo rôsto o jaspe era mais neve
Que a linda , a branca flôr da laranjeira ;

Tinha os labios gentis, languidos olhos,
Pallida a face, como antiga estatua
Que o tempo descórou co'as negras azas.
Era linda, era fada, archanjo, engano,
Illusão d'alma, e d'olhos: entre os crentes
Não ha mancebo algum, a quem não vencão
Os feiticeiros olhos de *Salupia*!
Ve-la nas aureas salas, doidejando, !
Entre as virgens d'Allah, em doces brincos,
Era a lua no céu brilhando altaiva
Entre milhões d'estrellas! Mil guerreiros
Co'a dextra a nobre adaga lh'offertarão,
E os sanguinosos loiros da victoria.
Ella porém, nos braços da innocencia,
Sorria desdenhosa — e *livre* ainda
Na doce primavera de seus annos
Das illusões no céu vivia alegre.

Vivia.... mas enfim (funesta aurora
De tão infasto amôr, tão mal logrado !)
Um dia, quando o sol doirava a custo
Os altos muros do elevado alcaçar,
Ella — como se o fado a constrangesse,
Como se voz occulta lá dos seios,
Do imo do coração, lh'entrasse n'alma,
A perdê-la, a arrasta-la, foi sósinha
Divagar pelo adarve. — O sol nascia....
Fagueira a viração da madrugada
Murmurava tão doce!.... mil florinhas

Adejavão no ar , e solitaria
Gemia , em viuez , saudosa rôla !
— Oh ! quem já teve amôr , quem não ignora
Do nascer da manhã o mago encanto ,
Os mysterios d'ess' hora de saudade ,
E de paz e tristeza , ai ! bem conhece
Que desejos d'amor desperta n'ahna !

Mas ella , a nobre moira , não sabia
Esse archano d'amor ; — não sabem anjos
De bondade , e de paz , temer na terra
Negro fadario , desastrosa sina !
Qual á flamina da morte corre doida
Formosa borboleta , a innocentinha
Correó á perdição ! Espaia os olhos ,
Ao longe , pelas orlas do horizonte
D'aureas , purpureas nuvens adornado ,
E ~~seja~~ querer , a surto , e quasi a medo
Dos labios lh^o escapou meigo suspiro ,
— Primeiro som d'amor ; dentro nas veias ,
No seio lhe reserve ardente sangue ,
Pulsa-lhe o coraçaõ mais apressado ,
E nasce-lhe *um desejo* ignoto , immenso
Como da juventude o immenso fôgo ,
Enfinda *séde* de prazer , e amôres !

E depois , quando á noite , solitaria
Ellá via nos céus milhões d'estrellas ,
Mundos , e mundos a rolar no espaço —

E , por medonhas sombras rodeadas ,
Via as serras d' além — sentia n'alma ,
Ignota voz , ignotos sentimentos ,
Vendo , á luz do luar , tremer no rio
Diamantes aos mil — ouvindo ao longe
Do rouxinol nocturno os doces cantos ,
— Froixa toada d' harmonia d'anjos
Trazida á terra por amêna brisa —
A si mesma tristonha perguntava :
— “ *E*’ isto amor ? *Este desejo incerto*
E’ desejo d’amar ? ” — sentio bem perto
Rumor de passos . . . vacillou , confusa
Olhou em torno a si , e vio prostrado
Junto a seus pés , no chaô qu'ella tri hava ,
Gentil guerreiro , denodado joven ,
Que em extasis d'amor , doido por ella ,
Lhe veio alli dizer :

— « Formosa virgem ,
Astro dos sonhos meus , sagueira esp'ranea
Que me affagas a vida , ah ! tem piedade . . .
Cordôa-te este amor tão malfadado
Que tão funda raiz me lançou n'alma !
Vi-te e logo senti nascer-me ardente ,
Puro desejo da paixão mais grata
Que fruir nos é dado ! — Longo tempo
Embalde , lá d' *Arôche* nas montanhas ,
Longe e bem longe divaguei sósinho ,
Ensinando teu nome ás altas serras ,

As crespas , elevadas penedias :
Envão quiz esquecer a tua imagem
Que me seguia sempre , em toda parte !
Não pude. . . Eras a virgem qu' eu sonhara
Da vida no verdôr ; eras a estrella
Que ao longe , e ha longos annos me sorria. »

E nos olhos um raio de ventura
Lhe luzio , entre nuvens de tristeza ,
Entre vagas de pranto :— a linda moira
Estremeceo , córou. . . á voz do pejo
Baixou a custo os olhos , e calada
Por largo tempo esteve , até que aos labios
Do coração as vozes lhe vierão ,
Em delirio d'amor :

— « Ai ! já não posso
Por mais tempo occultar meus sentimentos ,
Este amor. . . se d'amor são meus receios ,
Este fogo que sinto ;— se da vida
O mais doce sentir , o bem mais doce
Tem o nome d'amor , eu te idolatro. . . »

Mais queria dizer : porém nos labios
Morrem-lhe as expressões , e o terno amante ,
Louco de gôso , extasiado , a custo
Apenas crendo tão sanguína sina ,
Ergue-se arrebatado , e da ventura
No cúmulo , n'um mar todo prazeres ,
Alegre lhe tornou :

— « Celeste archanjo,

Virgem do meu sonhar , mais engracada
Que as houris do Propheta , oh ! quanto é grato.
Ouvir dos labios teus tão meigas vozes !
Ver-te córar d'amor , ouvir teu seio
Sobre o meu coração 'pulsar d'alegre !
Ah ! falla-me outra vez , formosa dama ,
Lindo aljofar do Islam , ah ! falla , dize ,
Dize-me sim , que o teu amôr , teus mimos
São meus — só meus — que os olhos de Saluquia
Só de mim hão-de ser ; que os teus encantos .
Que a vida e coração me dás co'a dextra . »

Ella sorrio — depois , curvando a fronte ,
Como a rosa ao murchar , córou de pejo
E d'enleio e d'amor . — Venceste , ó moiro ,
Folga soberbo ! Da innocencia o guarda
Ei-lo adejou ao céu : co'as brancas plumas
Já lhe não cobre o peito ! A linda virgem
E' tua , sim : da guerra os verdes loiros
Esmaga , esmaga aos pés , que tens por c'rda
Os meigos braços de formoso archanjo ,
Por ferrea cota um seio d'alabastro !

Mas basta : — que m'importão teus segredos ,
Magestoso castello , aguia das serras ,
Soberbo , eterno esculca do deserto ?
Guarda-os silencioso , e impera altivo ,
Rei das montanhas , no teu solio eterno !

II.

Saudosa a lua reflectia os raios
Pe'as altas muralhas: nas ameias,
Mil gigantescas sombras debuxando,
Tremia mais e mais, doirava as pedras
Com seu froixo clarão, luz de sepulcros.
Em redor tudo trévas: só no alcáçar
Pallido fogo brilha, esguia fresta
Avermelhando a espaços. — Que saudade,
Que mysterios d'amôr tu não conheces,
Magica luz das noites! Junto d'ella
Formosa dama de formoso rosto,
De lindos olhos, de nevadas faces,
Melancholica está: moiriscas trovas
Co' a voz d'archanjo a modular saudosa,
Mais suave, mais grata do que a brisa
Vibrando lá no espaço ignotos hymnos,
Mysteriosos sons d'harpa celeste —
E ao longe a viração, levando os carmes,
Desperta da montanha os debeis echos.

« — Onde estás, formoso moiro,
Vida do meu coração?
Onde estás, que me não matas
Minha tão negra afflieção?
Ah! corre, valente alcaide,
Destemido castellão!

Não vés?.. A noite vae alta ;
Vae linda a lua nos céus...
A ventura n'este alcaçar
Espalha os encantos seus !
Vem , oh forte , vem , não tardes ,
Matar os desgostos meus....

Aguardão-te , n'estas festas ,
Valentes netos d'Agar :
Lindas virgens islamitas
De formosura sem-par ;
Ah ! corre , valente moiro ,
Entre folias folgar !

Quero alegre , nos meus braços ,
Apertar-te ao coração ,
Lér *amor* n'esses teus olhos ,
Matar tão negra afficção....
Não tardes , valente alcaide ,
Destemido castellão ! — »

Mas *Brásfama* não vem : embalde o chama
A linda virgem , nas saudosas tróvas ,
Nos seus cantos d'amôr , d'esp'rança e gôso !
E a lua vae descendo , e a argentea face ,
Como broquel de fogo , ao longe , a some
Nas montanhas d'além ! — Moiro , não trèmas ;
Eia ! espera-te o amor , embalde o espaço
D'amantes braços separar-te busca !

Esporèa, esporèa o teu ginete. . . .
Vem cumular teus gôsos, vem, naõ tardes,
Naõ fujas do hymineu aos doces laços —
Vérdadeira ventura, unico affago
Desta existencia, pélago d'angustias,
Deserto de martyrios, longo abysmo
De negros crimes, d'illusões mentidas!

Mas o moiro naõ vem! — Sombra d'archanjo,
Junto da esguia fresta, permanece
Gentil a castelli: e as festas correm
Nos doirados salões, entre as columnas
D'alabastro, e marfim: prazer, delicias,
Reverbero do céu, froixo reflexo
Das venturas d'um eden, se confundem
N'um céu d'amor, n'um mundo d'alegria.
— E tu deixas assim correr as festas,
Passar as breves horas, que a ventura
Co' véu das illusões tornou mais breves?
Vae, oh virgem, brilhar entre as mais damas,
Avivar as folias, vae dar alma
A tantos, taõ briosos cavalleiros
Que a perderão ao ver-te, que o ciume
Rala e consome, que, entre mil delicias,
Provão do inferno horrisonos tormentos.

Mas ella sempre immovel, arquejando
Os olhos crava, ao longe, lá nas serras,
Nas altas serras, onde vio sumir-se

Despar'cer , como sonho de mancebo ,
Qual sagueira visaõ da madrugada .
Pela ultima vez seu terno amante.

Oh ! quem n'a visse entaõ , quem naõ soubesse
As torturas do amôr , o negro encanto
Da saudade cruel — quem nunca , nunca
Da existencia n'auróra , a vez primeira ,
Furtivo pranto de saudosas magoas
D'alma houvesse arrancado , escarnecera
Daquella dôr immensa. . . . angustia eterna
Como o somno da morte , a paz da campa. . .

Adormeceeo emfim : o somno ás vezes
Vem dar alivio ás mageas do infortunio ,
Consolar o infeliz , doirar-lhe os sonhos ,
Celestes sonhos da existencia enlèvo !
Mas ás vezes tambem lhe traz á idéa
Tormentos esquecidos : vem pintar-lhe
Phantasticas visões , medonhas scenas
De vingança , e d'horror ; quebrar-lhe o somno ,
Dobrar-lhe do destino a horrivel sanha.

E ella dormia em paz : sereno o rôsto
Da innocencia o pudor aformosea. . . .
Ao vê-la assim taõ linda adormecida
Como estatua de gelo — naõ dirieis
Os martyrios que tem lá dentro n'alma !

Horrorosa chymera , horrivel sônhos
Veio amargar-lhe um sôpro de ventura
Que nos braços do sonho a besejara ,
Como a brisa da noite á flor do prado.
Longe — bem longe — vê medonhas selvas ,
Ermo deserto , verde-escuras rochas ,
Em densas , negras sombras envolvidas . . .
Em torno d'ellas serpenteando correm
Mil ribeiros de sangue , e o raio accende
Os céus , a terra , as selvas , os penhascos.
Sente o trotar de fervido ginete ,
E vê luzir adagas ; ouve em torno
Gritos de morte e horror . . . e escuta ao longe
Do amante a doce voz :

— « Vamos ! avante ,
Meu fogoso alasaõ : — corre . . . não temas . . .
Montes e abysmos galgarás ligeiro ,
Oh ! filho das batalhas . . . eia ! corre
Que longe — muito longe — deixei presos
Minh'alma , e coraçaõ e vida e tudo . » —

E o ginete voava , envolto em sangue ,
Serras e abysmos despresando altivo ;
Não corre tanto o raio , excede a nuvem
Levada do tufaõ ao brado horrendo :
Lá do seio da terra , surgem rapidas
Mil gigantescas sombras : não se escuta

Mais que o tinir do ferro contra o ferro:
Depois... silencio e paz. Da lua o brilho
Vem da tormenta dissipar as trevas....
E mostra.... (horribel vista!) ensanguentado,
Entre os trances da dôr, na extrema angustia,
O guerreiro do Islam...

Ella estremece....

Acorda horrorizada: — e corre, e voa
Sem destino, e sósinha: as vestes rasga
As faces fére, e despedaça as tranças,
Chama por elle em vaõ... grita, e só longe
Ouve os echos da serra, similhando
Do moribundo os languidos gemidos:
E mais perto o trotar de cem cavallos,
Confusa vozeria de mil vozes
Vem quebrar o silencio: — « *A'lerla!* o esculca
Destemido bradou — e já rangerão
Da ponte levadiça os ferreos gonzos.

III.

Vae a festa a findar: e a linda noiva,
A pérola do Islam, a mais formosa
D'entre as filhas d'Agar, bella e contente
Naõ vem folgar alegre, como out'róra
Folgou contente, na isempçao d'amores.
Cavalleiros e damas já naõ fallão
D'amorosos mysterios, verdes loiros

Ceifados nas batalhas. . . . Quasi extintas
Bruxuleando as lâmpadas crepitão
Como luz de finados! . . .

Mas agora

Ao romper da manhã, á luz confusa
Do saudoso, tristíssimo crepusculo,
Lindos mancebos, engracadas moiras
Chegio de longes terras, festejando
Da castellâ as desejadas nupcias. . . .
Oh! entre elles. . . quem sabe? talvez venha
O denodado alcaide: sempre a mente
D'esperançosos sonhos nos reveste
O facho da illusaõ! — Triste e sombria
A meiga noiva, já viuva agora,
Como a saudosa, timida rolinha,
Caminha solitaria, e quasi a surto,
Junto da barbacã, bem rente ao muro,
Ao abrigo das sombras aguarda-lo!
Ei-los passaõ callados, como espectros
Escapados á morte: mas entre elles
Embalde o buscas, misera donzella. . . .
Qnem uma vez dormio sob o sepulchro,
Naõ acorda jámais do sonno eterno.

Ella immovel ficou: horrivel susto
Lhe vem nas veias congelar o sangue,
Gelar-lhe o coração, gelar-lhe a vida,
Rasgar-lhe ma's e mais os seios d'alma!
Ai! misera infeliz que infausta sorte

Te guardava o destino ! Anjo formoso ,
Alarga , alarga ao longe pelos bosques ,
Pelas serras da patria , o pensamento...
Ah ! vê , n'um céu d'azul , milhões d'estrelas
Com seu froixo claraõ doirando as trévas...
— Olha.... Por toda a parte , dentro n'alma
Doces recordações desperta a patria....
E a patria dentro em breve hio-de roubar-t'a ;
Has-de vêr baquear aos pés do estranho
O estandarte do Islam : verás de Christo
Nas ameias tremer , feral cypreste ,
Arvorado o pendão , e escrava d'elles....
Escrava... ah ! nunca , que no seio impresso
Bem fundo tens o amor da liberdade !

Mas... não ouves?.. Ah ! foge... lá resoõo
Os brados da victoria : « á terra ! á guerra !
Reine Affonso na terra ; escravos d'elle
Sejão do Islam os lumidos guerreiros ! , —

Infeliz , ai de ti ! mal conhecias
Que entre nevados lirios dorme occulta
Venenosa serpente : — sempre alegre
Tu dormias em paz , deitada à sombra
Da bandeira do Islam , nunca temendo
Traidoras artes de sangrenta guerra !
Foge... salva-te... Escuta : horrivel grita
Lá sóa nos salões , onde reinavaõ
Doce ventura , feryidos prazeres !

Inermes , desenvidados , não resistem
Os fortes d'Ismael... nem castão sangue
Ao vencedor os loiros do triumpho...
Dom *Alvaro* venceo : deo-lhe a victoria
De perfida traição sagaz astucia...
Oh ! maldito o laurel , maldita a c'roa
Que o guerreiro ceifou por vil perfidia !
Recaia-lhe na fronte , ardendo em brasa ,
Das victimas o sangue eternamente.

Eis tudo jaz captivo : triumphante
Exulta o vencedor , lançando os ferros
Aos roixos pulsos do infeliz vencido....

Mas *Saluquia*... essa não , que se não curva
A's plantas d'um senhor , que antes prefere
A morte á escravidão , e o sangue á vitta !
Essa... não. Ela corre destemida
Aos altos muros de sombria torre....
Mede , sem medo , o abysmo... ultimas vozes
Lhe vem do coração soar nos labios :
— « *Elle libre morreo , e eu morro livre !* »
Disse: e , — cruel vingança , extrema affronta
Ao vencedor soberbo — como o raio
Se arroja á terra , e cahe de rocha em rocha....
Despedaçados os sangrentos membros
Nos altos muros do elevado alcáçar
Pendentes ficão , gotejando sangue !

Morreste, ó moira ! Mas roubaste os loiros
Do vencedor soberbo á nobre fronte. . . .
Que t'importa morrer ? A liberdade.
A pátria não morreu também comigo ?

O CANTO DO MARUJO.



INDÀ barca aventureira
Vae arfando ao som do mar :
Barqueiro , que vae aos remos ,
Não se cança de cantar ;
— Saõ canções de seus amores
Que ás agoas vae a narrar.

Ondas do mar , socegæ-vos ,
Da noite se estenda o véu ,
Que é grato ao pobre marujo
Ver as estrellas do céu !

Astros do céu, reflecti-vos
Sobre estas agoas do mar,
Que é lindo ver, sobre as ondas,
Luzir a luz do luar!

Luz do luar, cobre as rochas
Com teu pallido claraõ,
Que vem contigo a saudade
Cubrir o meu coraçõ:

Coraçõ, dentro no peito,
Bate contente d'amor,
Que a scismar n'ella é mais leve
O remar do remadõr:

Remador, corta ligeiro
As verdes ondas do mar,
Naõ tardes que, bem depressa,
Virá o sul a bramar:

Virá bramar, que nas praias
Já canta o triste aleçon,
E, batendo contra as rochas,
Ergue o mar medonho som:

Som do mar, naõ sões... cala
Teu monótono bramir,
Que se brames, entre sombras,
Verei os astros fugir!

Foge , com elles , a lua ,
Foge , com ella , o luar ,
Morre o amôr , morre a saudade ,
Morre ao marujo o cantar .

Mas o mar , mais irritado ,
Ergue horrísono clamôr ;
A barquinha voga errante
Do mar entregue ao furor :
— Cala o canto , e solitario
Rèma , rèma o remador .



PORtUGAL.

 ou portuguez : — não despreso
A minha terra natal ;
Se agora jaz indefeso
Já foi livre Portugal.
Já foi o terror da terra ,
Nas letras , na paz , na guerra ,
Oh ! nunca teve rival !

Oh ! que não : mas negro fado
Em ferros o faz gemer !
Qu' importa ? — O leão cançado
E' vergonha adormecer ?
Póde dormir : mas se acorda ,
Se dos brios se recorda ,
Não lhe fugir é morrer !

E tenho crença , nest'alma ,
Que ha de acordar o leão ;
Que ha de colher nova palma
Na lucta da redempção :
Sou luso — não me retracto . . .
Sou neto de Viriato ,
D' Apimano , e Cesarão !

Sou portuguez — quanta gloria
Este nome não contem !
Diga-o d'Ourique a victoria ,
De Cerneja e Sanctarem :
Hoje é servo o rei d'outr'ora !
Mas qu' importa ? Vencedora
Já não foi Jerusalém ?

Sou portuguez — não despreso
As glórias do meu paiz ,
Que essas sombras inda preso
D'um Affonso , e d'um Diniz :
Não me acurvo aos pés do forte ,
Antes mil vezes a mor'e
Do que vergar-lhe a cerviz .

Sou portuguez : d'este nome
Tenho o brio , a intrepidez ,
Pois tenho fé qu'inda assome
Nossa gloria um'outra vez ;
Miro-me n'antiga fama
D'um Albuquerque , d'um Gama . . .
Como elles sou portuguez !

Zombem todos , muito embora ,
Da minha terra natal ,
Que as glórias que teve outr'ora ,
Nunca tiverão rival :
Zombem , que eu , no captiveiro ,
Préso mais que o mundo inteiro
Um só nome — PORTUGAL !



VINGAR-ME-HEI.

 Eterno amor casta esp'rança
Esmagou-m'a vil traiçao —
Mas em troca , da vingança
Nasce a voz no coração ;
Nasce e diz-me : — « Porque temes ?
Cobarde ! porque assim gemes ?
Que t'importa o teu rival ?
Que t'importa , s'iracundo
Tens , contra injurias do mundo ,
O ferro do teu punhal ? . . .

E oh ! que tenho , pois de cégo
Meu punhal jámais perdi , .
Nem quando , em louco socego ,
Junto d'ella adormeci ; .
Nem então , que os meus amores ,
Meus ciumes , minhas dôres ,
Tudo , tudo lhe contei :
Elle vio... porém , segredo !
Se as *juras* quebrou tão cedo ,
Minhas juras cumprirei.

Foi-me falsa . . . Em vão ! que importa
D'um *demonio* infando amor ?
Se a vida jaz *quasi* morta ,
Que importa mais uma dôr ?
Que importa , se da vingança
Nasceo fagueira esperança
Bem funda , no coração ?
Que importa arquejar exangue ,
Vingando o sangue com sangue ,
Uma traiçao com traiçao ?

E hei-de vingar-me . . . D'um corte
Meus tormentos acabar :
Hei-de , entre os braços da morte ,
A meus pés vê-lo expirar —
E bradar-lhe : « Vil falsario ,
Dorme , sem cruz nem sudario ,
Insepulto , á luz dos céus . . . »



Dorme, dorme um sonno eterno,
Que a alma lá tens no inferno,
S'alma tens.... s'existe Deus! »

E sorrindo-me arrogante,
Hei-de calca-lo a meus pés;
Arrastrá-la, palpante,
Junto d'ella inda uma vez:
E dizer-lhe — « Com teus braços,
Vae dar-lhe meigos abraços,
Vae junto d'elle dormir!....
Vae, mulher, cinge-o contigo,
Te' que do final jazigo
Fria terra o vá cubrir! »

Dir-lh'o hei.... Embora um dia
Brilhe o cutélo do algoz,
E, nas horas d'agonia,
Do remorso escute a voz!
Que m'importa? Quem se humilha,
No *cadasalso*, se brilha
Inda, a seus pés, um punhal?
Se o *leinma* do condemnado
Foi, sobre a campa, traçado
C'o sangue do seu rival?

Porto 29 de Dezembro de 1848.

O TEU NOME.

OBRE as praias do mar , na lisa areá ,
Em extasis d'amor , gravei teu nome :
Bem fundas letras fiz . . . porém bramando
Uma onda lá vem , outra e mais outra . . .
Teu nome desparece !

Gravei-o n'um cipreste , junto ás campas ,
Lá no adro d'aldéa : o sul rebrame
Pela encosta das serras , e derruba ,
Em feros turbilhões , o tronco annoso ,
O gigante da morte !

Em duras penhas fui grava-lo um dia ,
Fundo , bem fundo , atravessando as rochas . . . ;
Porém toldão-se os céus , fulgura o raio ,
Estende-se o trovão , e , n'um momento ,
E' seixos o penhasco !

Insensato o gravei , no sacro templo ,
Nos lavrados do altar : — julguei que sempre
Alli ficára intacto . . . da impiedade
A mão cruenta , derrubando as naveas ,
Sumio-m'o nas ruinas.

Gravei-o então , na dôr , no desespero ,
Dentro no coração , nos seios d'alma ,
Fundo , bem fundo , a traspassar-m'os todos . . . ;
Alli ficará sempre — alli seu nome
Terá a eternidade.

LEMBRANÇAS.



A' amei — já dentro n'alma
Senti as chamas do amor;
Senti d'amor os ciumes,
Do ciume a negra dôr:

Já na terra , em meigo enlevo ,
Sonhos d'engano sonhei ;
Em meus sonhos , outros tempos ,
Anjo formoso encontrei . . .

Era estatua d'alabastro ,
Tinha os olhos d'esmeril ;
Cah ião-lhe as negras tranças
Sobre o collo tão gentil !

Tinha os labios nacarados,
Tinha a face de setim,
Tinha , no jaspe do rosto,
Da rosa o vivo carmim:

E tinha , dentro no seio,
Liso , ingênuo coração —
De su'alma os sentimentos
Erão dos meus o condão.

Se dôce , terno sorriso
Agitava os labios seus,
Meigo sorriso sereno
Vinha adejar entre os meus :

Se um requebro de seus olhos
Adocava o meu pesar ,
Com dôce olhar namorado
Lhe pagava um terno olhar :

Se via , nos olhos d'ella ,
Uma lagrima luzir ,
Da tristeza o denso manto
Vinha meu rosto cubrir :

Se tristonha hia sósinha
Embrenhar-se na soidão ,
Eu , a sós , lá no deserto ,
Curtia minha afflição.

**Se rainha , entre as mais damas ,
Airosa a via folgar ,
Na confusão , entre as danças ,
Hia contente walsar! . . .**

**Era a virgem dos meus sonhos ,
Meu encanto , meu amor ,
Minha crença e céus e vida ,
Da minha vida o fulgor.**

**Mas deixei-a . . . e bem distante
Do *Mondego* divaguei :
A' luz das noites , sósinho
Longe d'*ella* suspirei.**

**Suspirei , bem longos dias ,
Lá no meu berço natal ;
Mas seguió-me de continuo
Sua imagem divinal.**

**Vi-a nas trevas da noite ,
Vi-a do dia ao fulgor —
Nos meus sonhos de poeta ,
Na idade pura do amor !**

• • • • •

**Oh ! quantas vezes , nas praias ,
Dizei , estrellas , dizei ,
Ao soidoso astro das trevas
Minhas magoas não contei !**

Dizei-o , conchas da praia ,
Dizei-o , rochas do mar ,
Quantas vezes , longe d'ella ,
Vós me não vistes chorar !

Quantas vezes , pensativo ,
No centro d'ermos pinhaes ,
Não fui á brisa das noites ,
Espalhar sentidos ais !

Mas de novo pelas margens
Do *Mondego* , eu vim folgar ;
Novos sonhos , mais suaves ,
Nos braços d'ella sonhar !

Oh ! que viver d'innocencia
Foi então o viver meu !
Forão meus gosos na terra
Gosos sómente do céu. . . .

Fui ditoso. . . . agora apenas
Sinto a lembrança do amor ,
Dessa lembrança a saudade ,
Da saudade a negra dor.

Coimbra 31 d'Outubro de 1848.

A TEMPESTADE.

E á voz das rajadas
Rebombas, ó mar,
Por horas caladas
Da noite sombria,
D'acerba agonia
Que meigo é chorar !

A lua saudosa
Não brilha no céu ; —
Co'a luz duvidosa
No cimo das vagas,
Nas praias, nas fragas
Não deixa aureo véu !

Oh ! quanto são gratos
Do horror os signaes !
— A voz dos regatos ,
Os ramos já secos
Rugindo , e dos echos
Os languidos ais !

Que gélido espanto
Não causa á soidão ,
Dos ventos o canto ,
Das nuvens o abalo ,
Dos raios o estalo ,
Dos céus o trovão !

E eu amo a tormenta ,
E o raio dos céus ,
E o mar que rebenta ,
E o vento que brama ,
E o brado que exclama :
— « *Salva-nos , oh Deus !* » —

Então mais sé acalma ,
O fogo do amor ,
Que eu sinto n'est'alma ,
Do seio no centro ,
Qu' eu sinto cá dentro
Mais gélido horror !

S. João da Foz 23 d'Agosto 1848.

A DESPEDIDA.

ou deixar-te; adeus!.... a hora
Da *partida*, ei-la soou!
Ai de mim! deixar-te agora
Quem a alma t'entregou....
Mas é tempo, sim, e a morte
Virá *vingar-me* da sorte
Que os teus mimos me roubou.

Vou deixar-te, e, nos meus braços,
Apertar-te ao coração;
Assim.... mais, qu'estes abraços
P'ra mim os ultimos são....
Chóros, beijos, tudo é fogo,
Que d'alma surge!.... mas logo
Ha-de apagar-se o volcão.

Palpita , arqueja teu seio
Mais nevado que o jasmin ;
Ah ! . . . celeste , estranho enleio
Parece *ligar-te* a mim !
Mas esta hora , este dia ,
Fste instante d'agonia ,
Vem separar-nos afim !

Adeus pois ! extingue , cala
Dentro no peito esse amôr :
Oh ! não chore§ , que m'estala
O peito com tanta dôr !
E' forçoso . . . adeus . . . esquece
O teu bardo , qu'endoudece
Dos ciúmes c'o amargôr :

Fomos ditosos : — a vida
Já nos sorrio tão feliz ! . . .
Mas hoje . . . não ; desabrida ,
Negra sorte assim o quiz :
Vou pois deixar-te ! . . . Perdê-la
E' força : — que mal fez *ella* ,
Sancto Deus ! que mal te fiz ?

Mas olha , Amelia , repara ,
Lá brilha a lua no céu . . .
E não tarda , que d'avara

Nos occulte o brilho seu :
Eis alli da *vida* a imagem ;
Depois da paz , a voragem
Foi este o *destino* meu !

Vaes ser d'outro. . . . Acerbo fado
Me roubou teu coração. . . .
A grinalda do noirado
Ha-de pôr-t'a extranha mão.
Porem tu , anjo d'amôres ,
Junta uma *saudade* ás flôres ,
Uma *perpetua* , . . . mas não !

Oh ! não. . . . antes , a despeito
De teu *sordido* senhôr ,
Ao sepulchro , ao *frio leito*
Que me dá teu casto amôr ,
Vae , dos salões , ó rainha ,
Vae dizer-me alli sósinha :
— « *Eu te adoro , trovador !* »

UM RETRATO.

 NJO, mulher — quem podera
Teus encantos retratar ?
Quem legara aos sé'los todos
Tua belleza sem-par ?

Legara-a eu, tendo as tintas
Do *divino* Raphael —
A dôce lyra do Tasso,
De Phidias mago cinzel ?

Porem nunca fui na terra
Nem poeta , nem pintor ,
Nem tenho o soberbo scopro
De mui soberbo esculptor.

Mas emfim... se tu consentes....
Se me deixas abraçar-te ,
Anda cá.... então prometto
Nos *meus olhos* retratar-te.

Coimbra 1849.



O MEU SEPULCHRO.

UANDO o archanjo da morte
Vier meus olhos cerrar,
E, co'as negras, negras azas,
Minhas faces açoitar —
Cavae então *meu sepulchro*
Lá n'um penhasco do mar :

Encerre um véu de mysterio
Fssa rocha sepulchral :
Sobre ella, não reine altivo
Da morte nenhum signal ;
Nem alli levem os echos
Da vida um som festival.

Sobre o penhasco , entre o musgo ,
Não quero pobre inscripção ;
Não quero que alli , sósinha
Campeie a cruz do Christão :
Nem que a lampada dos mortos
Verta alli roixo clarão !

Oh ! que não — quero , em silencio ,
Entre as vagas repousar
Em vez da luz do cruzeiro ,
Quero da lua o luar —
Em vez das rézas do mundo ,
Das ondas o reboobar .

Quero o musgo , em vez de *lema* ,
Sobre o penhasco , a florir ;
Antes o quero ; não podem ,
Ao vê-lo , os homens sorrir :
Antes o quero — d'escarneo .
Impios ! não lh'hão de cuspir !

Em vez d'erguido cruzeiro
Arvorado entre escarcéus ,
Cinjam-n'o , á voz da tormenta ,
As nuvens , como trophéus ,
Como eterno monumento
Da omnipotencia de Deus :

E ás noites o meu espectro,
Quando em silencio vagar,
Quando, aos braços descarnados,
A caveira recostar —
Veja impressa a *liberdade*
Na face immensa do mar.

Coimbra 12 de Maio de 1849.



CHRISTOVÃO COLOMBO



COLOMBO ! a tua ousadia
Fez-te ser mais do que um Deus ;
Foste a estrella que alumia
Novos astros , novos céus :
Do mar no abysmo profundo ,
Divagando vagabundo ,
Foste o *heróe* do Novo Mundo ,
Foste o rei dos escarcéus .

Fra a terra asylo estreito
A teu vasto coração ;
Tu procuras satisfeito
Das agoas a immensidão :
Em furor o mar rebenta ,
Ronca horrivel a tormenta ,
Susta o mundo , e não sustenta
Os teus vôos d'ambição .

Rei das agoas , destemido
Sorriste ás furias do mar ,
Das tormentas 'ao bramido
Dos raios ao fuzilar :
A *maruja* vacillante
Desanima , e tu , constante ,
Foste a palmeira gigante ,
Foste o cedro secular .

Bate o mar d'encontro ás fragoas ;
Não brilha um astro no céu ! . . .
Na soidão das vastas agoas
Vês imenso mausoleu !
Cancado da longa esp'rança ,
Viste o genio da matança
Contra ti bradar : *Vingança!* . . .
Foste então julgado réu .

Mas enfim d'aurea alegria
Surgio doirado arrebol ;
Novo sol de novo dia ,
Nova luz de novo sol :
Colombo ! a luz , que crepita ,
Que ardentes chamas vomita
Na cerração infinita ,
D'um novo mundo é pharol !

Venceste! . . . Heroe do passado,
Tu foste mais do que um Deus,
Que nos deste, denodado,
Novos astros, novos céus —
Que, gigante vagabundo,
Tu domaste o mar profundo,
Arrancando o *Novo Mundo*
Do seio dos escarceus.

Coimbra — 1849.

O TRIUMPHO.

I.

— “ AVALLEIRO, corre à lide,
Vae na liça combater;
Ha quem desprese *seus olhos*,
Quem deteste o seu poder....
Cavalleiro, quem tal pensa
Oh ! que não deve viver !

— “Oh ! maldito o que se atreve
A despresar seu valor:
Vou punir-lhe o sacrilegio
Como dextro lidador;
Chama-me o rancor da affronta,
Chama-me o fogo do amor.

— « Cavalleiro, vae na arena,
Vae *por ella* batalhar :
Que é dever de cavalleiro
Por sua dama lidar ;
Seus olhos , — os olhos *d'ella* —
Na lide t'hão-de ajudar.

— « Dae-me as grévas, dae-me o escudo ,
Dae-me o ferreo morrião :
Com a cota d'aço fino
Estreitae-me o coração ;
Dae-me a lança , dae-me a espada ,
Preparae meu alazão !

— « Cavalleiro , corre á lide ,
Vae na liça combater ;
Ha quem desprese *seus olhos*
Quem deteste o seu poder
Cavalleiro , quem tal pensa
Oh ! que não deve viver !

II.

Meu ginete das batalhas ,
Corre , corre sem parar ;
Erriça as crinas ao vento
Vem comigo a batalhar :
Corre , vôle : — montes , serras
Traz de nós vemos voar !

— « Cavalleiro, cavalleiro,
Assim me deixas cruel ?
Despe o saio, os braceletes,
Deixa a cota, e teu broquel . . .
Já não ha perros d'Hespanha,
Não ha netos d'Ismael.

— « Ah ! *Maria*, por teus olhos
Eu sou forte campeão ;
Teus olhos, que me vencerão,
Todo o mundo vencerão :
Tenho-os *por mim* : lá na liça
Teus olhos por mim serão . . .

— « Cavalleiro, em crua lide
Tu vaes por mim combater ?
Oh ! não vás, que n'essa lucta
Podes na liça morrer.
Não pensas que é necessario
Que vivas para eu viver ?

— « Eu penso nos teus agradabs,
No teu ros'o de marfim,
Nas tuas madeixas d'ouro,
Nos teus labios de carmim ;
Penso em ti, e d'improviso
Novas forças sinto em mim ! »

Tu, ó donzella formosa,
Protege o teu lidador;
Dá-lhe força n-um sorriso,
N-um olhar dá-lhe valor:
Como premio da victoria
Dá-lhe protestos d'amor!

— « Não me deixes, cavalleiro,
Não me vás abandonar....
Qu'eu não possa, de medrosa,
Teu ginete segurar!...
Mas se foges, (desgraçada!)
Se me foges, vou chorar....

— « Adeus! adeus, oh donzella!
Novos loiros te darei;
Enxuga os olhos formosos,
Que vencedor voltarei:
Tua belleza ultrajada,
Gentil dama, eu vingarei!

Meu ginete das batalhas,
Corre, corre sem parar:
Eríça as crinas ao vento,
Vem comigo batalhar:
Corre vôa: montes, serras
Traz de nós vemos voar!

III.

— « Quem é, quem é que se atreve
Seus olhos a despresar?
Corra á liça, que, cobarde!
Na terra o verei rojar....
De joelhos, desarmado,
Compaixão ha-de bradar !

— « Eia ! vamos ! cavalleiro,
Chama á liça o teu corcel;
Desce a viseira do elmo,
Cobre o peito c'o broquel;
Aos olhos da tua dama
Eu por mim, eu, sou revel.

— « Esporea o teu ginete,
Vem, sem medo, pelejar :
Com a lança d'aço fino
Vem teus golpes fulminar ;
Com teu escudo de ferro
Vem meus botes sustentar :

— « Com minha ferrenha cota
Não defendo o coração.
O broquel ei-lo por terra,
As manoplas n-esse chão ;
Até levanto a viseira,
Té arranco o morrião !

— « Oh ! meu Deus ! eis-me vencido :
Contra ti não sei lidar :
Mulher ! mulher ! por piedade
Não me faças perjurar ;
Tu venceste : mas agora
Sabe tambem perdoar. »

Contra o fogo dos teus olhos
Quaes armas podéra oppôr ?
Eu confiava nos d'ella,
Nos olhos do meu amor,
Mas teus olhos *vencem tudo*
Com seu magico fulgor !

— « Cavalleiro, quem se atreve
Meus olhos a despresar,
Correndo á liça, cobarde,
A meus pés se vem rojar :
De joelhos, desarmado,
Piedade vem bradar !

IV.

— « Meu ginete, vamos ! corre,
Corre sempre a bom correr,
Que teu senhor já vencido
Longe daqui quer morrer :
As mágicas do captiveiro
Quer longe d'aqui sofrer !

— « Cavalleiro, espera, espera;
Os meus loiros onde estão?
Em paga do meu socorro,
Dá-m'os, dá-m'os, campeão!
Fortaleci com meus olhos.
Teu braço, teu coração. . . .

— « Oh ! que mentes: fui vencido
N-esta lucta succumbi:
Esquecerão-me teus olhos,
Mal os olhos d'ella vi:
Sem lutar, como um cobarde,
A seus olhos me rendi! »

Tu tens agrados. . . . mas ella,
Oh ! tem agrados sem fim:
Se tens de carmim os labios,
Seus labios são de rubim;
Se é de marsim teu semblante,
O d'ella é d'alvo setim:

Sabem seus olhos tão lindos
Penetrar no coração:
Matar n-um doce requebro,
N-um sorriso d'affeção. . . .
Os teus olhos *nada sabem*,
Teus olhos só lindos são !

Adeus, donzella formosa,
Vae procurar novo amor :
Esquece os meus juramentos,
Deixa o pobre lidador,
Que ficou escravo délla,
Que te foi.... te foi traidor !

— Meu ginete, vamos ! corre,
Corre sempre a bom correr,
Que teu senhor já vencido,
Longe d'aqui quer marrer !
As mágoas do captiveiro
Quer longe d'aqui soffrer.

Porto 13 de Fevereiro de 1848.



O MEU LEBRÉU.

nda cá, fiel raseiro,
Vem consolar meu senhor,
Rasgados os seios d'alma,
Só lhe resta o meu amor —
Meu lebréu, tu n'este mundo,
Nunca me serás traidor !

Pobre alão, como n'outr'ora
Nas caçadas te criei !
Minhas magoas te narrava,
Meu amor te confiei....
Tudo me trahiu na terra,
E só contigo me achei :

Nas caçadas, outros tempos,
Foste as lebres procurar ;
Guardaste as minhas manadas
Por essas praias do mar —
Hoje triste, solitario
Vens teu senhor assagar !

Quando amei. . . . (cruel lembrança !)
Foi amor uma traição !
Aviventei um desejo,
Desinhou-se o coração —
Ingrata ! deixou-me um dia. . . .
Mas não tu, meu pobre alão !

Quantas vezes me entregaste
Doces mensagens d'amor !
Quantas vezes tu lhe deste
Bilhetes do teu senhor —
Trahiu-me, e tu bondadoso,
Mitigaste a minha dór !

Tive amigos, n'outras eras,
Julguei-os um dom do céu ;
Um e um fugirão todos,
E só de ama-los fui réu —
Hoje pobre, abandonado
Só me resta o meu lebréu.

Oh ! quanto amei, desgraçado !
As folias d'um festim,
Ledas danças, almos jogos,
Doces folguedos sem fim !
Illusões, já não me illudem . . .
Meu alão, tem dó de mim !

A meus pés vem enroscar-te,
Meu pobre alão tão fiel,
Vem assagar minhas mágoas ,
O meu tormento cruel —
Vem adoçar, com teus mimos,
D'atra dôr amargo fel :

E quando alsim o sepulchro
Te roubar o meu amor,
Deitado aos pés do cruzeiro,
Vae carpir a tua dôr :
Guarda então, no chão da morte,
As cinzas do teu senhor.

Perto 23 d'Abri de 1848.

A' LUA.

(Ao meu amigo Manoel José da Silva Rosa, Júnior.)

Dor entre espessas nuvens, solitaria
Surge a lua nos céus, pallido brilho
Espalhando d'além sobre as montanhas,
As cópas prateando dos salgueiros,
Doirando as negras, erriçadas rochas,
Espargindo rubis ao lume d'agoa
Com seus tremulos raios.

Rainha da soidão, quanto és saudosa !
Quanto é grato o teu brilho melancholico
Ver-te espelhar na immensidão dos mares !
Quanto és linda a luzir em céus de trevas,
Entre nuvens d'estrellas scintillantes,
Candida lua — imagem da saudade —
Ermo pharol das noites !

Eu amo-te.... eu adoro os teus mysterios,
A tua face, o teu fulgor, teus raios,
Ou tu brilhes sem véus, ou entre nuvens,
Qual vergonhosa amante, a face occulte,
Em terno arruso, passageiro, e breve;
Ou, com pallido brilho, tu retrates
Mil phantasticas sombras.

Rainha da soidão, ah! quantas vezes,
Nas tristes horas d'horrido silencio,
Fui chorando narrar-te minhas magoas,
Quando a brisa das noites, perfumada
Com a doce fragancia das violetas,
Nas azas te levava os meus queixumes,
Minhas ternas endeixas.

Quando a brincar, em grato desafogo,
Doces cantos d'amor ia ensinando
A's margens do Mondego; — e ao rez das agoas
Em mesquinho batel boiava ás noites,
E vibrando da lyra as froixas cordas,
Da vida no verdor cantava alegre
Lindos, saudosos carmes.

Quando nos salgueiraes, entre perfumes,
Entre as tremulas folhas, escondido
Ia dos rouxinoes ouvir os cantos,

E ver, a esvoaçar por entre as flores,
Nuvens doiradas de gentis insectos,
E prostrado no chão, gravar na terra,
Um nome — uma saudade.

Mas hoje. . . tão distante e solitario,
Vagando assim por entre alpestres rochas,
Sosinho, como o genio do deserto,
Venho acordar o echo das montanhas,
Chamar por *ella* — e suspirar saudoso ,
Como, na viuez, saudosa rôla
Suspira entre a floresta !

Pallida lua — imagem da tristeza —
Como tu, quem podera eternamente,
Suspenso lá dos céus, ver como um *ponto*
O globo imenso a reluzir no espaço! . . .
Quem visse o mar, a terra, o céu e tudo,
Como tu — no teu manto de saphira —
Candelabro de fogo !

Quem visse as lindas, as viçosas margens
Do limpido Mondego, e as suas agoas
Ranhando as verdes ramas dos salgueiros !
Quem visse as suas grutas d'esmeralda,
Da laranjeira o tão suave arôma
Quem podesse aspirar, per lindas noites,
Ao longo d'essas praias !

Quem na fonte d'Ignez, junto dos cedros,
Ouvindo o susurrar das froixas agoas
Por entre as negras rochas, cobrejando,
Te podesseinda vêr, celeste archanjo;
E nos labios de nacar, tão formosos,
N'um longo beijo protestar-te alegre
Casta, doce ternura !

Lua ! lua ! qu'inveja te não tenho !
Tu, com teus debeis raios, vaes travesse
Innundar-lhe de luz o niveo rosto,
As negras transas, as singelas roupas....
Tu vaes.... e eu desterrado, e longe d'ella,
Não posso ao menos, em suave enleio,
Contempla-la orgulhoso !

Lua ! lua ! onde está ? — dize-me, oh bella,
Que é da virgem celeste dos meus sonhos ?
Cerrou-lhe o soinno os melindrosos olhos,
Ou saudosa tambem, entre gemidos,
Te pergunta por mim, astro das noites,
E m'envia , banhada em triste pranto,
Ternissima saudade ?

Lua ! lua ! que é d'ella — Àcaso, ás noites,
Vae sosinha vagando, junto ao rio,
Revelar seu amôr ás duras rochas,

Aos verdes salgueiraes, ás claras agoas,
A's estrellas do céu, á doce brisa,
Ou vae gravar na praia, entre seixinhos,
Meu nome, em fundas letras ?

Lua ! lua ! qu'inveja te não tenho !
Astro dos namorados, quem podesse,
Como tu — a brilhar no anil do espaço —
Vé-la, estatua gentil de lindo archanjo ,
E mandar-lhe, nas azas da saudade,
Ternas recordações, meigas lembranças,
De gosos, e d'amores ?

Mas se nem posso agora recordar-lhe
Doces venturas que gosamos juntos
Tão ditosos então, n'esses momentos,
N'esse éden de delicias, hoje ao menos
Vae, oh pallida lua, com teus raios,
Em magos traços, em saudosas formas,
Pintar-lhe a minha imagem.

Porto 3 de Setembro de 1848.

A POMBA DO DESERTO.

(No álbum do Illm.^o Snr. Cláudio P. de Faria.)



ASTA pomba do deserto,
Vem ser minha mensageira ;
Quero mandar-te a *Maria*,
A Maria, a feiticeira :

Vae pois pousar-lhe no collo,
Linda, fagueira avesinha,
E batendo as niveas azas,
Conta-lhe a mensagem minha :

Dize-lhe que dado ás penas,
Aos martyrios, á saudade,
Vou curtindo acerbias mágoas
Da vida na soledade.

Porem a minha mensagem
Como podes expressá-la?
Vou ensinar-te, avesinha,
A declarar-lh'a sem falla:

Para narrar-lhe a *saudade*,
Da *saudade* dá-lhe a flôr —
E, no gemer de teus *cantos*,
Lhe dirás: « do *teu canfor*. »

Para exprimir meus tormentos,
Minha dôr, minha agonia —
Desperdiça algumas penas
No regaço de *Maria*.

ROMA.

 ROMA, não ouves?... Escuta! —
Lá trôa a voz do canhão;
Desceo sobre ti, na lucta,
O anjo da assolação....
Mas não tremas: se os teus bravos
Arrastrão ferros d'escravos,
Cospem na face do algôz:
Romanos, éia, ao combate,
Qu'inda a aurora do resgate
Ha-de raiar para vós!

Éia, á guerra! — o Capitolio
Dê ao mundo novas leis;
Esmagae, dae-lhe por solio
Sceptros, e c'roas, e reis:
Conquistae a liberdade,

Qu'entre horrivel tempestade
Astro d'esp'rança reluz !
Rola o libre ondas de sangue ?
Role-as sim : — também exangue
O *marlyr* tingio a Cruz.

Roma, ás armas ! e a victoria
C'roará os filhos teus ;
Entre proezas de gloria,
Lhes dará novos trophéus :
Não tremas : se escrava a França,
Depois d'horrída matança,
Te lançou ferreos grilhões —
Não tremas . . . sorri, princeza ;
Verás, em tua defeza,
Crescer novas legiões.

Ergue-te, oh forte ! Irritada
Olha a sombra de Catão,
Sobre ti co'a vista irada,
Quasi a bradar : *maldição !*
Não vês ? . . . Na dextra sangrenta,
Marco Bruto te apresenta
Tinto de sangue o punhal . . .
Roma, ás armas ! eia, á guerra !
— « *Liberdade em toda a terra* » —
Seja a crença universal.

Foste vencida?... Os tyrannos
Escarnecerão de ti?
Qu'importa? Contra *romanos*
Quem ha que peleje ahi?
Erga-se embora Carthago....
Fulmine-te a morte, o estrago,
De *Cannas* funesto sol —
Fulmine embora: distante
Em *Zama* luz scintillante
D'esperança aureo arrebol:

Venceste então: esmagada
Ella — a senhora do mar,
Baqueou, vio abysmada
Sua grandeza sem-par!
E tu sorriste; d'altiva
Sorri-te de novo, e aviva
Nos filhos o patrio amôr:
Vencerás, que não tens erros....
Livre-te, escrava.... e co'os ferros
Roma, esmaga o teu senhor!

Porto 21 de Julho de 1849.

O PENSAMENTO DA MULHER,

ULHER, aí! que és inconstante
Como o sôpro do tufão!
Cada volvér de teus olhos
Presagia uma traição....
Ao voar dos teus cabellos
Vae-te prêzo o coração:

Tu és como a borboleta
Que, adejando no rosal,
Namora todas as flôres,
E a todas é desleal—
E's como a fôlha que arrastra
Sem cessar o vendaval.

Como o brilho das estrellas
E' *constante* o teu amôr —
Como a vaga d'esses mares
Ora em paz, ora em furôr :
Como o vulcão que ora dorme,
Ora ergue hórrido clamôr !

Como a linda mariposa,
Quaes astros do firmamento,
Como a fôlha, como as vagas,
Como o vulcão, como o vento,
E' voluvel, inconstante
Teu ligeiro pensamento. . . .

Porto — 1848.



A BORBOLETA E A MULHER.

 Em torno à roixa violeta,
Sobre os juncos do paul,
Vae adejando inquieta,
Matisada borboleta
Com suas azas d'azul:
Agora, com brando assago,
Animia as agoas do lago
Toda orgulhosa, e tasfù;
Logo, junto ao sol t'ò mago,
Vae leva-la o vento sul.

A's vezes mais melindrosa
Poisando na linda flôr,
Lá s'esconde de medrosa,
Qual a virgem vergonhosa
Ouvindo fallas d'amor :
Ora nos prados distantes,
Com as azas cambeantes,
Vae sumir-se no verdór....
E, nos carmes susurrantes,
Envia um hymno ao Senhor.

Agora, menos modesta,
Procura os raios do sol...
Fugindo ao calor da sesta,
Lá no centro da floresta,
Vae ouvir o rouxinol;
Depois, mais triste e sombria,
Em doce melaneholia,
Repoisa no girasol,
Té que, dispontando o dia,
Brilhe do dia o pharol.

E' noite : — junto da ermida
Alveja rasteirâ cruz,
E da pedra denegrida
Froixa luz amortecida
Alli suspensa transluz :

Nescia já d'amor d'oudeja,
Em torno da cruz adeja. . . .
Fatal fulgor a seduz ;
Corre, chega, treme, arqueja. . . .
Morre abrasada na luz !

Mulher ! também na existencia
Te seduz lume traidor !
Deixas a doce innocencia
Por fementida apparencia,
Por um *nada* enganadór ;
Tambeni te chama uip luzeiro
Aureo, lindo, feiticeiro,
E abrasa-te o seu fulgor !
Esse fogo traçoeiro,
Mulher ! mulher ! é o amor.

A LUZ DA NOITE.

Luzinha — como és bella
A luzir n'esse pinhal !
Luzes, como luz, nas praias,
O solitario fanal :
Como o fogo que guardava
Casta, formosa vestal !

Luzes, luzes solitaria
Cem tão pallido clarão,
Que avivas o fogo d'alma,
Que accendes o coração :
— Assim tão meiga a sorrir-te,
Que farás na solidão ?

Por entre esse mar de trevas,
Tu fallas d'amor a alguem ?
Guias tibia o namorado
Lá pelos serros d'alem ?
Ou fallas d'amor á dama,
Dás-lhe *novas* do seu bem ?

Junto a ti meiga donzella,
Derrama prantos de dor ?
Lè d'amor doces cartinhas,
Ao clarão do teu fulgor ?
Meiga luz — os teus mysterios,
Serão mysterios d'amor ?

Ou tu brilhas, por ventura,
No sanctuario de Deus,
Em torno da cruz sagrada
Espargindo os raios teus ?
Oh luzinha — os teus archanos,
Serão archanos dos céus ?

De bella *moira* eneantada
Te accendeo a casta mão,
Para que encantes minh'alma,
Captives meu coração ?
Oh luzinha — os teus segredos
Serão d'incanto, serão !

E's formosa como a estrella
Por alta noite a luzir,
Qual do ether pendurado
Um globo d'ouro d'Ophir. . . .
Oh ! mas não ; — esse teu brilho
E' mais formoso a fulgir.

Tu brilhas, como o brilhante
Entre as areias do mar ;
Como brilha o pyrilampo
Lá nos prados a folgar. . . .
Oh ! mas não : tu és mais bella,
Esse teu brilho é semi-par.

Qual da góndola o luseiro
De Veneza nos canaês,
Tu reinas, doce luzinha,
A brilhar n'esses pinhaes. . . .
Oh ! mas não, que és mais formosa,
Que o teu brilho brilha mais.

E's talvez como esse fôgo
Que n'alma desceu dos céus,
Como a chamma que rodeia,
O throno immenso de Deus —
E's como o estro do bardo
Cantando os mysterios seus. . . .

Oh luzinha ! esse teu fogo
Falla tanto ao coração ! . . .
E's, oh luz, tão expressiva,
Brilhando na solidão !
— Oh ! tu retratas o mundo,
Retratas a criação.

Fez-te um desejo do homem,
Lindo pharol brilhador ;
O mundo tornou-se mundo
N'um desejo do Senhor. . . .
Do homem morres ao sopro,
Elle, á voz do Creador.

Porto 16 de Fevereiro — 1848.

UMA SAUDADE.

 A' na vida, em verdes annos,
Tive sonhos d'illusão —
Affagou-me um sol d'enganos
Da flôr da vida o botão :
Oh ! vi-a.... sonhei com *ella*,
Sonhei com risonha estrella
Das trévas na escuridão !

Ia espera-la sombrio,
Nas serras, ao pôr do sol,
Como o naufrago erradío
Busca o longinquo pharol :
Era a vida de minh'alma,
De meus tormentos a palma,
Dos céus um tenuë arrebol :

E quiz-lhe muito — no seio
Oh ! nem me cabia a dôr,
Quando, em doce devaneio,
Me occultava o seu fulgôr....
Mas, aos tristes sons do canto,
Vinha enxugar o meu pranto
Com seu pálido explêndôr.

Passei assim longos dias
Da meiga quadra infantil,
Quando, a matar-me agonias,
Vinhão delicias ás mil ;
Quando, ao *Leça*, entre verdores,
Eu cantava ós meus amôres
No froixo, pobre arrabil :

Por *ella* só, verdes loiros
Quiz nas batalhas ceifar :
Ir combater contra *moïros*
Lá nas praias d'alem-inar ;
Ir colher trophéus de gloria,
Ser o Anjo da victoria
Entre os escravos d'Agar.

Ser o Deus do Capitolio,
Entre monarchas ser rei,
Calcar aos pés aureo solio

Só por *ella* o desejei :
Não seria, não, o espectro
Dos tyrannos, que o meu sceptro
Fôra o symbolo da lei :

Só por *ella* a immensidate
Quiz salcar dos escaí céus,
Afrontar a tempestade,
Sorrir á furia dos céus !
Quiz ser altivo corsario,
Vencêr o mar — temerario
Ir bradar-lhe : « *Aqui sou Deus !* » —

Quiz as pomposas riquezas
Do soberbo Salomão —
Quiz, no seio das grandezas,
Ser o rei da creaçao :
Quiz.... e tudo só por *ella*,
Tudo só por essa estrella
De feiticeiro clarão....

E *ella* então vinha modesta
A sorrir-me, ao pôr do sol,
A's horas que, na floresta,
Se carpia o rouxinol :
Como então te vi tão lindo
Hoje te vejo fulgindo,
Da infancia minha ó pharol.

Vejo-te, sim — mas distante
Já scintilla a tua luz :
Para o seio d'outro *amanhe*
Hoje vae correndo a flux :
Só me deixaste — esquecida !
Entre os espinhos da vida
Do martyrio a ferrea cruz . . . ;

Só m'a deixaste. . . . E qu'importa,
Que m'importa o rigor teu ? . . .
Morta a c'rença, a esp'rança morta,
Serás meu, astro do céu ?
— Oh ! então, co'a luz tão varia,
Cobre a pedra solitaria
D'um deserto mausoléu !

SIMILHANÇA.

 M
ENDE vaes adejando, oh mariposa,
Com tuas lindas azas multicôres ?
Porque do lirio vaes poistar na rosa,
Sempre contente, sem morrer d'amores,
D'amor matando as flores ?

Retrato d'*ella* és tú, oh borboleta !
Seu meigo olhar, seu gesto feiticeiro
Tudo captiva. . . Tu, louca, indiscreta,
Présas só vês as flores ; — prisioneiro
Vê *ella* o mundo inteiro.

Coimbra — 1849.

O SEPULCHRO DE CHRISTO.

 MA cúpula, dentro d'outra cúpula,
 Levantada no chão,
 Adornada de rocha, e duro marmore
 — *Sepulchro do Senhor* — modesta alveja
 Lá junto do Sião !

Sobre a rocha curvado o peregrino ,
 Que alli veio rezar ,
 Beija a sagrada campa, e, em doces rezas ,
 Vem louvar o seu *Deus*, chama-lo ao mundo . . . ;
 Vem seus males chorar :

Vem dizer-lhe : — « Oh! Senhor, escuta, attende
Ao triste peccador,
Que, em pranto sobre a pedra do sepulchro,
Implora o teu socorro : ah ! tem piedade . . .
Protege-nos, Senhor !

Depois ergue-se a custo, e vagaroso
Triste caminha além :
Eis pára inda uma vez, e os olhos volvem
Ao tumulo de Christo — á flor da terra ,
Flor de Jerusalém —

Amargo pranto lhe assomou ab rosto,
Grava os olhos nos céus :
Senhor, senhor ouvi-me, que na terra
Outra crença não tem o desgraçado
Mais que o sorrir de Deus !

Assim disse e caininhä : as altas torres
Da cidade deixou :
Ao longe, lá no cimo das montanhäas
Quasi a tocar no céu, lá no deserto
O misero parou :

Jerusalem, no azul do firmamento,
Já sóme os torreões :

Os minaretos, os jardins, as casas
Parecem lá n'um mar — todo esmeralda —
Nevados galeões:

Inda uma vez, nas serras da Judea,
O triste quer rezar:
Depois.... ah! para sempre elle abandona
Esse lugar de fé: além caminha....
Eis chega ao patrio lar:

E junto á meiga esposa, e aos ternos filhos
Alegre se sorrio —
A nova luz da crença, a lei de Christo
Lhes vem dictar, que a pedra d'un sepulchro
N'alma lh'as imprimio!

Salve, campa dos sec'los respeitada,
Signal de redempção —
Eterna mostras a maldade d'homens,
Tu attestas um Deus: — tu és o livro
Da crença de Sião!

Se um dia sobre ti for pezaroso
Minhas mágoas carpir, —
Eu bradarei, chorando os meus delictos —
Resurge, oh! Deus, resurge e vem de novo
Este mundo remir.

Ergue-te, oh Christo; surge radiante
De resplendente luz—
Vem arreigar na terra a crença eterna;
Amostra ao mundo, oh Deus, os teus martyrios,
Mostra-lhe a tua Cruz !

Porto — 1847.



A VIOLETA DA SERRA.

Nor crutas de rocha,
Na serra sombria,
Gentil desabrocha
Aos raios do dia
Florinha sem par ;
Em torno á violeta
Louçã borboleta,
Brincando indiscreta,
Vae meiga adejar :

A abelha doirada,
Deixando os cortiços,
Se vae nomorada
Amar-lhe os feitiços,

Fallar-lhe d'amor;
Fugaz passarinho,
Travesso, mesquinho,
Lá forma o seu ninho
Bem junto da flor:

Nas horas da sesta,
Que o sol alli arde,
Vae candida, honesta
A brisa da tarde
Por'hi a gemer;
O dia termina,
A lua argentina
Co'a luz peregrina
A vae aquecer;

Por noite medonha
Gentil pyrilampo,
Na selva tristonha,
Na relva do campo,
Nas trevas reluz;
E corre ligeiro,
D'amor prisioneiro,
Levar-lhe um luzeiro.
Na falta da luz!

Aos raios da aurora
Lustrosa, e bonita,

Se adorna, senhora
De gala infinita,
Mais leda e louçã;
Então, brandamente,
Saúda contente
O sol resplandente,
A luz da manhã;

O triste viajante,
Que a vista desterra,
A vê vecejante
Nas fragas da serra,
E vae-lhe fallar:
— « Florinha viçosa,
Tu perdes, formosa,
Na serra escabrosa
Teu brilho sem-par !

Ah ! folga, oh florinha,
Aqui, no deserto,
Se triste, e sosinha
Dos astros tão perto
Tu podes florir ! —
Violeta tão bella,
Na linda capella
Da treda donzella
Não vás a sorrir !

Ah ! nunca o romeiro
Na serra passando,
Gozando o teu cheiro,
Tão doce e tão brando,
Te arranque sem dó :
Ficáras na dança,
E mais na folgança,
Sem mais esperança
Sepulta no pó !

Aqui, se murchares,
Florinha innocenté,
Irá pelos ares
Teu cheiro fervente
Aos anjos dos céus —
Assim os humanos ,
Deixando os enganos,
Invião, co'os annos,
As almas a Deus !

14 de Fevereiro de 1848.

A GRUTA DA SERRA.

(Ao meu amigo *Antonio Coelho Lousada*.)

 A' na fralda d'uma serra
Concava gruta gentil —
Assombrada de continuo
Por arbustos mais de mil :
Coberta de brando colmo,
Entretecido co'o til.

Mil florinhas multicôres
Cobreim a relva do chão :
Dos ramos do limoeiro
Pende o cheiroso limão ;
N'um bosque de romanzeiras,
Canta alegre o verdelhão :

Em lindas noites serènas
D'argenteo, meigo luar —
Luz a lymphâ da corrente
Que alli vae a suspirar :
Branquejão longe — bem longe —
As brancas ondas do mar.

Saudosa brisa doudeja
Entre as rosas do rosal :
Agita, com doces brincos,
O ribeiro de crystal :
As léves folhas dos freixos,
Os raminhos do pinhal.

Eu alli vou pensativo
Vêr as florinhâs do chão ;
Vêr, entre a verde solhagem,
Tremor o verde limão ;
Vou ouvir, nos densos bosques,
O cantar do verdelhão ;

Vouvêr do céu as estrellâs,
Vouvêr a luz do luar ;
Ouvir a pobre regato
Que alli vae a suspirar :
Vouvêr as ondas de prata,
Vou ouvir gemer o mar :

Vou confundir meus queixumes
Com a brisa do rosal;
Com o suave sussurro
Da corrente de crystal:
Com o cicío dos freixos,
C'os raminhos do pinhal:

Mas que m'importa essa gruta?
Que m'importa se é gentil?
Se é formada d'altas roehas,
E d'arbustos mais de mil?
Que m'importa o brando colmo?
Que m'importa o brando til?

Que m'importão essas flores
Por entre a relva do chão?
Que m'importa o limoeiro
Donde pende aureo limão?
Que importão as romanzeiras,
O cantar do verdelhão?

De que serve, n'alta noite,
Vir aqui vêr o luar?
De que serve ouvir sombrio
O regato a suspirar?
De que serve ouvir ao longe,
Bramir as ondas do mar?

De que vale a doce brisa
A brincar entre o rosal,
Agitando, em meigos jogos,
O ribeiro de crystal —
A cantar por entre os freixos,
A gemer n'esse pinhal ?

De que vale se a tyranna
Não vem matar-me esta dôr ?
Fartar meus longos desejos,
N'um curto beijo d'amôr ?
Se não vem ouvir os cantos,
As queixas do trovador ?

A's vezes, louco d'amores,
Vou cantar-lhe uma cançao,
Vibrada nos seios d'alma,
Nas fibras do coração —
Que repercutem os echos,
E os ais da viraçao :

E' assim : — « Meiga donzella,
Casta e bella
Como a nitida cecem —
Amo-te. . . . e amôr tão profundo,
N'este mundo,
Não sentio inda ninguem :

Minha fé, minha ternura,
E' tão pura
Como a brisa da manhã:
Como a candida rolinha,
E a luzinha
Que brilha ás noites louçã:

Oh! quem déra, um só momento,
Meu tormento
Nos teus labios mitigar:
Pagasse embora c'o a vida,
Oh querida,
O prazer de te abraçar:»—

Mas debalde alli' descanto
Minha tão pobre canção,
Que aos meus prantos só respondem
Os echos da solidão:
— E lá, d'entre as romaneiras,
Canta alegre o verdelhão.

Porto 17 de Setembro — 1848.

INNOCENCIA.

AMELIA ! Amelia ! tu córas
Porque te fallo d'amor ?
Ah ! não córes ; não é crime....;
Não tens de que ter pudor :

Anda cá.... mas tu desmaias ?
Perde teu rosto o carmim !
Que temes?.... dize.... medrosa,
Porque te assustas assim ?

Choras, tremes, e ligeira
Cobres teu rosto co'a mão !
Cobre-o bem, que mais descobres
Teu singelo coração.

Mas tu foges?.... Innocente!
Porque foges tu de mim?
Anda cá, quero assagar-te,
Meu anjo, meu cherubim:

Tens receio que eu conheça,
Qu'eu perceba o teu amor?
Não tenhas, que já m'o disse
De teu rosto a viva cõr:

Já m'o disserão teus olhos,
Tua gentil pallidez....
Não fujas: quero abraçar-te,
Quero beijar os teus pés:

Quero ensinar-te um segredo,
Doce *mysterio* que eu sei....
Anda cá, entre mil beijos,
Entre assagos t'o direi:

— « Não sabes?.... O pensamento
Só se lè no coração;
Se não quer's que t'o soletrem,
Oh! não n'o descubras, não!

Coimbra — 1849.

DEUS !

**Senhor, nosso Dominador soberano, que
admiravel é o teu nome em toda a terra !**

SALMO VIII.



NOITE : — pelas crutas dos rochedos
Brilha a luz do luar ;
Entre os ramos , além , nos arvoredos
Retrata vãos gigantes em folguedos ,
Em danças a bailar :

Rapidos chegão , correm , desparecem
Com roupas de marfim ! . . .
Diminuem agora , agora crecem ,
E nos brincos , nos jogos , me parecem
Os mortos n'um festim :

O vento , pelas selvas assoprando ,
Sentido suspiroa ;
Ao longe , o negro mocho esvoaçando
Piou tristonho , como o miserando
Que ao morrer soluçou :

Oh lugar de tristesia , eu te saúdo !
Quero-te , oh solidão !
Silencio e paz.... Como deserto é tudo !
Ah ! sim , é o mundo aqui medonho e mudo
Qual foi na creaçao !

Adeus ! adeus , oh terra , eu te abandono ,
Roubo-te o meu amor ;
No serro das montanhas tenho um throno ,
Onde posso reinar.... eu sou seu dono ,
Sou do ermo o senhor !

Meus carmes na soildão irão mais perto
Gemer aos pés de Deus :
A lyra , pelas rochas do deserto ,
Ha-de carpir mais doce , ha-de , por certo ,
Como os anjos nos céus :

Longe do rir dos homens , vou sem medo
Meus versos modular ;
Ouvi-me vós , oh Deus !.... guarde o segredo
As canções com que doiro este degredo ,
Este longo penar !

I.

UM DESEJO.

Ao ver as ondas de prata,
Vendo as nuvens d'escarlata,
Mais o sol que se retrata
Nas esmeraldas do mar :
Ao ver á noite as estrellas
Tão scintillantes , tão bellas ,
Fitando os meus olhos n'ellas ,
Começo triste a rezar :

Quando nasce à madrugada ,
Vendo a relva avelutada ,
Vendo a rosa nacarada ,
Vendo o lirio de setim ,
Vendo a louçã mariposa
Adejando em torno á rosa ,
Rezo , e a prece fervorosa
Leva a Deus um cherubim :

Depois nos céus do Oriente
Larga faixa resplandente
De rosas ; d'ouro luçente
Vem formar a luz do sol :
A fidalga e a camponesa
Murmurão modesta reza ;
Co' os hymnos da natureza
Casa o canto o rouxinol :

Ao longe o sino da ermida
Espalhando a voz sentida,
Cem vezes repercutida,
Pregoa *Deus* ao christão:
Mas cessa o bronze da torre,
O derradeiro eco morre
Pelo espaço que percorre....
Fica a voz do coração !

Oh ! se eu podesse um momento,
Nas rijas azas do vento,
Ir, lá sobre o firmamento,
Ouvir os anjos nos céus,
Das estrellas namoradas,
Por esses céus espalhadas,
Formara, em letras doiradas,
O nome eterno de *Deus* !

II.

EXISTE DEUS.

Os astros, o mar, a terra
As nuvens, os altos céus,
No gyro, bellezas, graças
Tudo brada : « *Existe Deus !* »

Nunca ouviste a philoméla,
Cantando no mez das flôres,
Elevar, em doces hymnos,
Ao Eterno os seus louvores?

Não viste gentil pastôra
Cantar ledâ cantilena,
Nas ermas penhas da serra,
Ao som de campestre avêna?

Não vês, alem, bonançosa
Com mui brando murmurio,
Correr, por entre seixinhos,
A lymphâ amêna do rio?

Não ouves, por entre as brenhas,
A rajada a sibilar,
A trinar ignotos hymnos
Que nos céus vão echoar?

Nunca ouviste, em ermos sitios,
O pinheiral a gemer,
Imitando os ais extremos
Do triste, que vae morrer?

Não ouves, junto á lareira
Como a chamma a crepitâ,
Parece em táctias vozes
Seu proprio authôr confessar?

E, por noites de tormenta,
Quando rebomba o trovão,
Não te parece do Eterno.
Soleinne, horrivel pregão?

A philomela, e o regato,
A pastora, o pinheiral,
O vento, e fogo, a procella,
Trinão canto divinal.

Doce canto, que aos viventes
Brada eterno : « *Existe Deus!* »,
Deus! repetem froixos echos,
Té ás alturas dos céus.

7 d' Abril de 1847.

A MARSEILLESE.

(*Traducçāo.*)

 AMOS, oh filhos da França,
 Da gloria o dia chegou;
 A bandeira da matança
 A tyrannia arvorou:
 Não ouvis, nos vossos prados,
 Feros soldados bramar?
 Junto a vós, correm irados,
 Mães e filhos degolar:

Eia, cidadãos! á guerra;
 Vossos batalhões formae:
 Vamos! hoje a patria terra
 D'impuro sangue regae!

Que quer ess'horda d'escravos,
Falsos reis, tredos vilões?
Para nós farão, oh bravos,
Já d'ha tanto, os seus grilhões?
P'ra nós, francezes! Que affronta!
Que transporte! que rancor!
Para nós o crime aprompta
Priscos ferros em furor.

Eia, cidadãos! á guerra;
Vossos batalhões formae:
Vamos! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae!

Como! um bando d'extrangeiros
Dar as leis em nosso lar!
Phalange de guerrilheiros
Nossos fortes derrotar!
Sancto Deus! Ao tórpe jugo
Nossas frontes curvarão?
Dependentes d'um verdugo
Nossos destinos serão?

Eia, cidadãos! á guerra;
Vossos batalhões formae;
Vamos! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae!

Tremei reis, tremei falsarios,
Negro opprobrio dos mortaes !
Pagareis os sanguinarios,
Vis projectos infernaes :
Contra vós os nossos fortes,
Se perdem a vital luz,
Novas, armadas cohortes
Prestes a terra produz.

Eia , cidadãos ! á guerra ;
Vossos batalhões formae :
Vamos ! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae !

Francezes ! como soldados
Ide a morte fulminar :
Mas poupae aos que , obrigados ,
Contra vós correm lutar !
Porem não aos assassinos ,
Aos socios de Boullié ,
Aos que devorão , ferinos ,
Suas mães sem dó , sem fé .

Eia , cidadãos ! á guerra ;
Vossos batalhões formae :
Vamos ! hoje a patria terra
D'impuro sangue regae !

Da patria oh sancta amisade ,
Conduz hoje o vencedor !
Liberdade ! Liberdade !
Defende o teu defensor !
Trazelhe a doce victoria ,
Que a tua voz faz nascer :
Teu triumpho , nossa gloria
Contemple o crime ao morrer .

Eia , cidadãos ! á guerra ;
Vossos batalhões formae :
Vamos ! hoje a patria terra.
D'impuro sangue regae !

Copla dos meninos.

Entraremos na carreira
Só depois de nossos paes :
Lá veremos sua poeira ,
Os seus dotes immortaes :
Desejando a sua morte ,
Despresando este viver ,
Poderemos (doce sorte !)
Ou vinga-los , ou morrer .

CANTO DOS GIRONDINOS.

(Tradução.)

 França chama seus filhos
Do canhão ao bando horrendo;
A's armas! diz o soldado,
Minha mãe, eu te defendo.

Morrer pela França
É a sorte mais doce, mais doce esperança.

Nós que, longe das batalhas,
Sem gloria alguma morremos —
A' patria, e á liberdade
Nossa morte dedicemos.

Morrer pela França
É a sorte mais doce, mais doce esperança.

Ao DESPOTISMO.

Parodia á Liberdade do Sr. J. de Lemos.

 **Q**uem povos, e thronos, cidades e imperios,
Virtudes e crença, quem pôde agitar?
Quem cobre d'estragos os douis hemispherios,
Quaes rochas cubertas das agoas do mar?

Só tu, despotismo, vaidoso revolves
O mundo, que os crimes tu vaes acordar!
As leis despresando, seus laços dissolves
Bramindo, qual bramem as agoas do mar:

Só tu, despotismo, verdugo do mundo,
Com sceptro de ferro, desejas reinar....
A's bordas do abysmo medonho, profundo
Tu corres revoltos, quaes agoas do mar.

Tu medras (que assombro!) n'um lago de sangue....
E o mundo que gema d'escravo a chorar!
Espectro de morte, tu reinas exangue
Na terra, no inferno, nas agoas do mar!

Quaes feros gineteis, galgada a barreira,
As veigas, os prados na fuga a talar,
Assim, arvorando sangrenta bandeira,
Assolas as terras, e as agoas do mar.

A's vezes tu dormes, qual meigo inocente,
Tu dormes, verdago, no crime a medrar!
Despertas.... e, em jorros de sangueinda quente,
Augmentas, redobras as agoas do mar!

Não cedes aos rogos, ao pranto, á belleza!
Cruel! quem teus erros podera estampar?
Quem dera que lasso de tanta braveza
Sumisses teus crimes nas agoas do mar!

Mas deixa, que os lirios da crença velejão,
Cá dentro no peito, da patria no altar....
E os barcos, que ao longo — bem largo — velejão,
A's praias os trazein as agoas do mar!

II.

Não folgues.... A terra contigo lucrava
Se em ferros podessem seus brios crescer....
Mas morre e definha.... se geme d'escrava.
Só pode sumir-se, finar-se, morrer!

Em Roma não viste mil torres erguidas,
E Roma do mundo rainha se crer?
As c'roas, que tinha, não viste abatidas,
E Roma, em teus braços d'escrava morrer?

Não viste,inda há pouco, nos reinos hispanos
O sangue dos povos um monstro a beber?
Não viste vencidos fugindo os tyrannos,
Ainda, em teus braços, deixa-los morrer?

Escuta..., não ouves?.... que triste gemido!
Lá geme a Polónia d'escrava a tremer....
Na face da terra mirrado, sumido
Um pôvo de bravos não vês a morrer?

Repara na França, na França d'agora,
Que embalde teus crimes pertende esquecer:
Não vês esse pôvo lutar porque adora
A patria, e valente *por ella* morrer?

Reinaste, outras eras, na vil guilhotina,
Os dentes de raiva convulso a ranger !
Mas soa tremendo — *qual voz girondina* —
Um brado de morte : « tu has-de morrer ! » —

Repara, repara.... Não vês entre fumo,
Entre ais, entre gritos, entre esse gemer,
A' voz *liberdade*, sem guia, sem rumo,
Fugir o tyranno, sumir-se, morrer ?

Repara.... Do Douro, do Tejo as areias,
Banhadas de pranto, parecem dizer :
— « Quebrarão meus bravos d'um Nero as cadeas,
Meus bravos em ferros hão-de hoje morrer ?

III.

Mas tu, despotismo, reinando entre ferros
D'escarneo, e ludibrio tu sabes sorrir....
Minoras teus crimes, capeas teus erros,
Disfarças.... mas louco ! não podes florir.

Um rastro de sangue continuo te segue
E as furias do inferno, do inferno o rugir....
De Deus á justiça te opprime, e persegue,
Continua te arrasta, não podes florir.

Arranca-te as c'roas , os sceptros t'esmaga ,
Teu solio de ferro tu vés alluir . . .

Trophéus de teus crimes , teu pranto os allaga ,
Tu tremes , cobarde ! não podes florir.

Ao brado da guerra , pedindo vinganças ,
Desmaias . . . acordas , pertendes fugir . . .
Renascem de novo tão doces esp'rancas
A' voz *liberdade* ; não podes florir !

D'ingratos tyrannos a râbida turba
Que tu no teu seio soubeste nutrir ,
Com gritos , com prantos o mundo perturba ,
Vacillas , recuas , não podes florir . . .

De sangue e riquezas a torpe cubica
Em ti quem a pode na terra medir ?
Na paz dos imperios teu odio se atiça ,
Rallando-te a inveja , não podes florir.

As aras ao Eterno , por nós consagradas
Tu sabes — hypocrita ! . . . até prostituir !
E as c'roas , que entregas ás testas c'roadas ,
Ao povo as roubaste , não podes florir . . .

A's vezes tu finges bradar : *liberdade* ,
E vais-lhe ardiloso na face cuspir . . .
Querer-te na terra , verdugo , quem ha-de ?
Ah ! nunca . . . não podes , não podes florir !

IV.

Nem has-de... que um astro de sombras toldado
Já mostra d'esp'rança risonho fulgor...
Co'a face na terra, na terra ajoelhado
Quem dera cantar-lhe meus hymnos d'amor !

A elle sómente tecera os meus hymnos,
Sagrara meus versos, meu casto louvor,
Se acaso no mundo seus raios divinos
Viessem nutrir-me no peito este amor... .

Amor que tão caro, tão grato me fôra,
Se tu, liberdade, com sancto valor,
Rasgasses aos povos a *venida oppressora*—
Meu sangue te dera, tributo d'amor !

Ah! desce, rainha, firmada na lança,
No sceptro que outr'ora te deu o Senhor;
Vem, desce... resurja no mundo a esperança,
Da paz as delícias, os sonhos d'amor !

Vem, desce... não tremas; ha tanto fugida
A terra não deixes immersa em pavor!
Resurge, nos braços d'um anjo trazida,
Qu'eu quero cantar-te meus cantos d'amor !

Mas tu , despotismo , raivoso não deixas
Que brilhe nas trevas seu mago esplendor ;
Tu folgas com prantos , divertem-te as queixas ;
Os hymnos da morte , não hymnos d'amor !

Verdugo ! . . . Verdugo ! . . . mas basta , que a letra ,
A letra é de sangue , de magoa , de dôr ;
No peito , ao canta-la , terrivel penetra ,
Desinhão-se n'alma meus hymnos d'amor .

Mas triste . . . ai ! ditoso sómente eu seria ,
Se em vez d'este canto de fel , e de horror ,
Oh patria , podesse com doce alegria ,
Tanger-te , na lyra , meus cantos d'amor !

Porto 11 d'Agosto 1848.

A FOLHA.

(Tradução.)

A' do teu tronco arrancada,
Pobre folha abandonada,
Onde vaes? — « Eu não n'o sei! »
F'riu o raio fulminante
O carvalho onde brotei.

Com o seu sopro inconstante
O galerno, o aquilão,
Por aqui me traz errante,
Da serra ao bosque distante,
E das praias ao sertão :

**Eu vou onde a cada instante
Me leva o vento cruel —
Onde vae tudo: a viçosa
A murcha folha da rosa,
Secca folha do laurel.**

Porto 23 d' Abril,

OS MEUS DESEJOS.

(A' Exm.^a Sra.^a D. C. Amelia Coutinho.)

Oh! quantas vezes eu scismo
Em ser um d'esses heroes,
Que, dos seculos no abysmo,
Brilhão, quaeſ aureos pharoes!
E minh'alma então inquieta,
Deseja a voz d'un propheta,
Doces carmes de poeta,
Brandas tintas de pintor;
Quer exceder, n'esse instante,
Apelles, David, e Dante,
E n'um colosso gigante
Ter meu nome d'esculptor.

Oh ! s'eu podesse, inspirado,
Sobre o ferro dos canhões
Nas batalhas conquistado,
Gravar minhas concepções —
Escarneo da eternidade,
Erguera, sobre a cidade,
Com serena magestade
Tua estatua colossal,
Que, c'o tempo furibundo,
No voraz cahos profundo,
Veria findar-se o mundo,
Em pé, no seu pedestal !

S'eu fosse um vate sublime,
Como o sabio Daniel,
Esmagára o torpe crime
Em carmes d'amargo fel —
Cantára, com voz de ferro,
Nas trevas d'este desterro,
A' perfidia, ao vicio, ao erro
Meus cantos de maldição :
Mas no tremendo alaúde
Louvára a tua virtude,
Teus viços de juventude,
N'esta geral corrupção,

S'eu tivera uma grinalda
De gentis, verdes laureis,

Verde, verde, d'esmeralda,
Nobre, qual c'roa de reis; —
Se do genio herdára o sceptro
Se tivesse a voz, o metro,
Se tivesse o regio plectro
De Virgilio, ou de Camões,
Curvos d'assombro os imperios,
Em canção — toda mysterios —
Cantára aos dois hemispherios,
Tuas gentis perfeições!

Se de Guido achasse a palma,
E o genio d'elle a servir,
A borboifar dentro d'alma,
Qual volcão, que vae nascer —
Pintára te, em alva tela,
Feiticeira, e casta, e bella,
Com teu sorrir de donzella,
Mimosa pomba dos céus,
E a terra, gemendo insana,
T'iria bradar — « *Hosanna!* » —
Como a captiva á sultana,
Como um archanjo ao seu Deus!

Mas ah! debalde procuro
Tornar meu nome immortal,
E, monarcha do futuro,
Reinar, qual aureo fanal!

Em vão quero (miserando!)
Ser um anjo venerando,
Qu' aos pés os sec'los calcando,
Fulgisse, assombro do sol —
Que visse o meu nome inscripto.
Em cem molles de granito,
Soberbas, quaes as do Egypto,
Qual de Rhodes o pharol!

Oh! quem dera: — embora a guerra
Ao troar de mil canhões,
Fosse rola-las por terra,
Cobri-las d'imprecações —
Da terra mudo vigia,
Houvera reinado um dia,
E com a fronte sombria
Firmara o throno de Deus;
E ao cahir, como em memoria,
Como tropheu de victoria,
Um echo eterno de gloria,
S'elevára até aos céus!

Mas se tão fagueiro sonho.
Não posso realisar,
Vem, com teu gesto risonho,
Meus desejos apagar....
Vem, c'os teus longos cabellos,
Desatados, em novellos,

Tão ondulantes, tão bellos,
De tão linda e negra cõr;
Vem, com teus castos abraços,
A prender-me em doces laços;
Dá-me por *c'roa* os teus braços,
E por *gloria* o teu amor,

Porto 29 d'Agosto de 1848.

A ANDORINHA.

(Ao meu amigo Manoel Duarte Monteiro)

NDORINHA maviesa,
Vens acaso namorar
Esta terra deleitosa
Lá das selvas d'alem-mar ?
Quem te traz á patria minha ,
Linda , sagueira avesinha ,
Quem te traz a Portugal ?
Serão estes arvoredos ,
Estas praias , e rochedos ,
Estas agoas de crystal ?

Vens buscar um desafogo
A's penas do teu amôr ?
Ou vens ver um sol de fôgo
E namorar-lhe o fulgôr ?
Vêas, entre mimosas flôres ,
A curtir amargas dôres,
Na paz , e na solidão ?
Vens ver da noite os luzeiros
Tão gentis , tão feiticeiros
Com seu rútilo clarão ?

Andorinha , vens acaso ,
No centro dos laranjaes ,
Aos teus amôres dar azo ,
Vens soltar aqui teus ais ?
Vens vér o cravo , a roseira ,
A cheirosa caneleira ,
O doírado gîrasol ?
Ao som do mar que se arróla ,
Vens ouvir gemer a rola ,
Ver carpir-se o rouxinol ?

Quem da patria te arrebata ?
Quem te faz errar assim ?
Não tens lá astros de prata
Com seus raios de rubim ?
Não terás tão claras agoas ?
Não s'escutão dôces magoas

Os rouxinoes a carpir ?
Não ha selvas encantadas,
Não ha praias namoradas,
Nem o céu se vê sorrir ?

Lá não tens a primavera
Tão feiticeira , e gentil ?
Nem as verdes grutas d'hera
Entrelaçada c'o til ?
Não tens a paz . o socego ?
Não tens de prata o Mondego ?
Não tens do Leça o crystal ?
Oh ! que não : tantas bellezas ,
São nossas , são portuguezas . . .
Nem ha outro Portugal.

Mas vae . . . corre aos teus filhinhos ,
De ternura almo penhôr ;
Vae levar-lhe , em teus carinhos ,
Terna mãe , teu casto amôr . . .
Volta á patria , e s'encontrares ,
Ou lá na terra , ou nos mares ,
Virgem , que dos céus baixou —
Dize-lhe que um malfadado
Viu-a em sonhos , e acordado
Desde então a idolatrou !

A' MINHA AMELIA.

MULHER ! porque tão meiga me sorriste
Quando no meu sonhar d'amenos sonhos
Brilhava a doce esp'rança , qual fulgura
N'um céu abrazador um sol de chammas ?
Porque vieste assim roubar-me a vida
D'argenteas illusões, d'aureas chyméras,
E rasgar-me , sem mágoa , os seios d'alma ?

**Antes de ver-te , contente
Vivia isento d'amor :
Em meu peito ,inda innocent,
Não brotara acerba dòr ;**

Sosinho , á beira do rio ,
Ia ouvir o murmuro
Da corrente de crystal ;
Ia ledo e descançado
Colher o lirio do prado ,
Alva rosa do rosal .

Erao então meus amores ,
As brancas conchas do mar :
Amava os aureos fulgores
D'um pathetico luar ;
Amava a magica estrella ,
A sineta da capella ,
O cantar do rouxinol —
E , com suave alegria ,
Entre as brenhas m'escondia
Quando s'escondia o sol .

Mas um dia , angustiado
Senti , no peito , um volcão . . .
Senti tremer d'abrazado
Quasi exangue o coração ;
Tinha-te visto formosa ,
Como nivea , humilde rosa ,
Com teu ar de serafim ;
— Quiz-te fugir , mas não pude ,
Que julguei ver a virtude
No teu rosto de marfim .

E fiquei mudo e quēdo a contemplar-te
Momentos esquecidos — largas horas
D'incerteza , e d'amor , d'esp'rança e magoa !
Oh ! que formosa qu'eras ! Nunca o bardo
Pôde em sonhos d'extranho devaneio
Imaginar sequer tão bellas formas :
Sobre o collo de cysne ao desalinho ,
Ao desdém as madeixas te cahião ;
Na madrugada as lagrimas do orvalho
Não imitão sequer teus alvos dentes :
Desmerecem teus labios purpurinos
D'aurora boreal purpureas côres ;
Branca nuvem gentil, n'um céu de trevas,
Não pôde escurecer teu niveo seio.
— Vi-te assim , e no íntimo do peito ,
No cofre o mais recondito d'est'alma ,
Eu guardei para sempre a tua imagem.

Tu me sorriste, sorri-me ,
Tu olhaste. . . . olhei tambem ;
O que n'um olhar s'exprime
Na voz não o diz ninguem :
— E foi assim que fallamos ,
Foi assim que revelamos
Misterios do coração. . . .
— Magas fallas d'um sorriso
Na lingoa do paraizo
Tem tão suave condão !

Depois de pejo córaste,
Sem querer tambem córei;
Com froixa voz mè fallaste,
Com froixa voz te fallei;
E tu disseste : — « E' tão lindo
Ver, entre nuvens, fulgindo
Das estrellas o fulgor ! »
— E eu te disse : — « Oh ! que é mais grato
Ver assim o meu retrato
Dos teus olhos no esplendor ! »

E tu sorriste e disseste :
— « Como é saudoso o luar,
Quando a saphira celeste
Vem de chaminás adornar ! »
E eu te disse, c'um sorriso,
— Pombinha do paraíso,
Meigo, gentil serafim,
Oh ! sè minha... hei-de adorar-te,
Seguir-te-hei a toda parte,
Se te sorris para mim ! »

Não respondeste, não : mas nos teus labios
Meigo sorriso deslisou travesso,
E foi, cò as niveas azas, agitar-te
Os lindos, magos olhos d'esmeralda ;
Já mais perto, mais doce o teu bafejo

De mui suave altona embalsamado
Veio assagar-me então as penas d'alma;
E, em torno a mim, o zéphiro ligeiro
Tuas singelas roupas espalhando,
Veio arreigar-me as faces melanchólicas
Com tuas negras tranças: dos teus braços,
Cedendo de tu' alma ao doce impulso,
Nivea cadea de jasmins, de neve,
Em torno a mim formaste, e ás niveas faces
Da innocencia o pudor veio tingir-t'as!
— Languida a fronte nô meu seio occultas,
E os niveos olhos para os meus volveste!

Foste minha.... oh! que foste! e nunca, nunca
Tão saudosa lembrança, ha-de apagar-se,
Ha-de morrer no íntimo d'est'alma....
Nunca.... não: oh! bem cedo ha-de esmaga-la,
Ha-de sumi-la a pedra d'um sepulchro.

Ha-de, que já sem ti viver não posso,
E bem cedo, ai de mim, hei-de perder-te....
Teus lindos labios... de formoso nácar
Jamais hão-de beijar tostados labios
Do pobre trovador: jamais na terra,
C'roas e sceptros desprésando altivo;
Verei nos braços teus, n'um céu d'affagos,
Em ond s de prazer, n'am mar d'incantos —
Teus lindos olhos, teu fagueiro rosto....
Oh! nunca, nunca mais me será dado

Sobre o teu seio candido, de neve
Recostar, a tremer, a ingenua fronte....
— Como no outono as folhas da floresta,
Assim cahirão murchas dentro n'alma
Tantas esp'ranças no verdor da vida!

Passárn̄o.... mas no peito uma saudade
Bem gravada ficou — mais doce e amena
Do que branco luar de branca lua....
Nada mais: — quando o sol no mar s'esconde,
Trémulo raio vem ferir as nuvens;
E da festa ao fiadar, vae longe o echo
Resoar docemente.... Assim na vida,
Das horas de ventura unico raio,
Echo final, só tenho dentro n'alma
Funda e bem funda a lugubre saudade.

OS MEUS MARTYRIOS.

QUIZ um dia recordar-me
De teu fero desamôr:
Do rigor dos teus caprichos,
Das mágoas do teu rigôr;
Quiz vér de quantos espinhos
Tu cingiste a minha dor.

Mas quem pode, n'este mundo,
Mágoas, sem conto, contar?
Quem conta á noite as estrellas?
Quem os rubis do luar?
Quem conta as conchas da praia?
Quem conta as ondas do mar?

*

Ingrata ! immensas angustias
Por teu respeito soffri —
Que desde o solemne instante
Em que na terra te vi,
Forão tantos meus martyrios
Quantos momentos vivi.

Porto—1848.

A CITHARA E O PLECTRO.

MALIA, quando nasceste
Aurea cithara formosa
Deo-te um anjo do Senhor:
Tu, nivea pomba, cresceste
Folgasã, bella, e mimosa,
Mas sempre isenta d'amôr.

A tua cithara d'oiro
Não a sabias tanger:
Era o teu melhor thesoiro
Que a ninguem deixavas ver.

Um dia... não te recordas?
Tinhas da belleza o sceptro
Entre as damas do festim:
Quizeste *ferir-lhe* as cordas,
Porem faltava-te um plectro,
Alvo plectro de marsiun;

Tu sombria t'encostaste
A's columnas do salão —
Os olhos no chão cravaste,
A dextra no coração....

Fras prínceza na festa,
E nos jogos, nas folias
Ninguem, ninguem te ganhou—
Que tu, formosa, e modesta
Cá na terra então par'cias
Anjo que dos céus baixou.

Mal te vi, perdi-me logo,
Doidejei só de te ver:
Senti um vulcão de fogo
Dentro no seio a ferver.

* * * * *

Dei-te um osculo no rosto,
Abracei-te... e os ternos beijos,

Os abraços ninguem vio;
Mitiguei o teu desgosto,
Tu creaste os meus desejos,
Mas breve o tempo fugio.

E prolongava-se a dança,
As folias do festim;
Crescia mais a folgança....
Nunca vi prazer assim!

Nós, no festejo perdidos,
Entre os jogos despresamos
Dessa festa o resplendor:
Busquei teus olhos queridos,
E só nos olhos fallamos
Celestes fallas d'amôr:

A tua cithara d'oiro,
Ai de mim! qui-la tanger....
Cedeste-me o teu thesoiro
Que a ninguem deixavas ver.

Levei-te por entre a dança,
Por salões, e corredores
Até onde.... nem eu sei!
E, bem longe da folgança,
Sobre alcatifa de flôres,
A tua lyra toquei.

Um e um os seus arpejos,
Soarão no coração;
Paguei-te com doces beijos,
Minha fatal perdição!

O que eu toquei n'esse dia,
Que tão bondosa te vira
Não o toquei nunca mais;
Nem eu posso, nem queria,
Que o meu plectro n'outra lyra
Não tira sons divinaes.

A tua cithara d'ouro,
Ai quem m'a mandou tanger?
Oxalá que o teu thesoiro
Jamais eu chegasse a ver!

Marco.— 1847.

A ESTRELLA E A CAMPA.

Ecoute le récit des peines que je sens!

M. DE LA LANGE.

I.

ESTRELLA, oh! como ostentas melindrosa
Lá n'esses céus d'azul a côr da prata!
Brilhando assim, por noite bonançosa,
Como és pura e louçã, como és saudosa,
Oh estrella do céu, quanto me és grata!

Brilhas, como a doirada lantejo'la,
Como branqueja á noite alvo alabastro;
Da natureza a lucida aureóla
Joia melhor não tem, mal desenrola
À noite o manto seu brilhas, oh astro,

Oh luz d'amor, estrella de saudade,
Facho da solidão, eu te bem-digo !
Quero ver-te a brilhar na immensidade,
E, sobre as niveas azas da amizade,
Mandar-te um beijo ao céu, chamar-te amigo !

Oh ! que brilho que tens ! cá sobre a terra
Posso ver-te a brilhar no mez d'Agosto !
Mas se chamo por ti, teu disco erra...
Desces então do céu, tocas na serra,
E nos montes d'além sómes teu rosto :

Socega ! que jamais irei saudoso
Com meus rogos d'amor importunar-te;
Brilha, brilha nos céus sempre formoso;
Eu não te chamarei, não, que amoroso
-Quero ver-te a fulgir, quero adorar-te:

Não sabes quanto é grato ao pobre bardo
Ver-te a face gentil, formosa estrella !
Quanto é grato, ao largar das dor's o fardo,
Ver tornar-se anilado um céu já pardo,
Ver-te lusir alli; dizer-se : é ella !

Quando te vejo assim, d'instante a instante,
Mais cresce o triste amor que me devora;

Tu m'a fazes lembrar , estrella errante ,
Pois s'és da noite o astro mais brilhante ,
Ella dos sonhos meus , o foi n'outr'ora .

Era meiga e gentil , como na terra
Nada tão lindo ha — *só ella.... ou nada!* —
Mais linda que a luzinha lá da serra ,
Que tudo quanto o céu no gremio encerra ,
Mais linda do que tu , mais namorada .

Tu presumpçosa e louca , à noite escura ,
Miras do céu teu rosto sobre as vagas ;
Ella revio na lympha amena e pura ,
De dia e noite a sua formosura ,
Tu só durante a noite alli divagas .

Tu tens rivaes em toda a redondesa ;
Milhões d'estrellas , n'essa corte insíndia ,
Te disputão o brilho , a gentilesa ;
Eu com tudo o que tem a natureza
Ao compara-la , sempre a achei mais linda !

Porem ella morreo , na flor da vida ,
Como a vidente , a candida açucena
Cortada inda ao nascer . e aos céus subida
Roga por nós a Deus ; virgem descida
Ella foi lá dos céus , não foi terrena :

Estrella ! tu se acaso o lindo rosto
Nas montanhas d'alem formosa occultas,
Lá surges á manhã!, lá vens de gosto
A natureza encher, e em mez d'Agosto
— Fanal da solidão ! — nos ceus avultas ;

Mas ella dorme, á sombra dos ciprestes,
Sob a louza da campa, em soledade :
Seus mimos, sempre candidos, celestes,
Ei-los alli no pó.... olha.... são estes !
Ei-los aqui.... por toda a eternidade....

Nunca me viste, em poite tenebrosa,
Vir aqui ajoelhar sobre esta louza ?
Gritar.... banhar de pranto a campa annosa,
Ai de mim !.... té que voz mysteriosa
Do sepulchro me diz : *ella repousa !* —

Desce oscula-la á campa, radiante
Com teus raios de luz, oh minha estrella !
Vem.... eu te deixarei beijar a amante ;
Vem, qu'eu posso tão perto, e tu distante ,
Tu, oscular-lhe a louza, eu, chorar n'ella.

Vem.... dize-lhe depois que soffro tanto !
Que de continuo em vão por ella chamo :
Que lhe fallo d'amor.... que vem meu pranto

Banhar-lhe este recinto sacro-sancto.
Dize que depois della a ti só ame !

Oh ! sim : amo-te muito : hei-de algum dia
Tecer-te de verbena honrosa palma
Se escutares tão lugubre agonia . . .
O brilho teu dos céus á terra envia ,
Que Deus da terra aos céus chamou su' alma.

Porto 28 d'Agosto de 1847.

II.

Estrella ! surges sosinha
Lá n'um céu de puro anil ;
Vem reinar como rainha ,
Estrella meiga e gentil !
Surges com face de prata ,
Mas a noite t'a arrebata . . .
Ficas oiro sobre azul :
Como é lindo ver teu rosto ,
Assim por noites d'Agosto ,
Quando não foges do sul !

Oh ! estrella scintillante ,
Meu encanto e meu amor ,
Mostra-me a face brilliantte ,

Com teu froixo resplendor:
Surge, surge, oh minha bella,
Pois sabes fallar-me *della*
N'essa tão sancta mudez:
— *Ella sumio-se da terra* —
Tu m'o dizes, e na serra
Te somes por tua vez!

Quanto mais perto t'anhele
Mais de mim vaes a fugir —
Nasces lá n'um céu tão bello,
E vaes em fogo luzir —
Vaes a raiar sobre o cinto
D'esse horisontal recinto,
Todo d'ouro, e de carmim:
Vaes e foges.... depois tornas,
Sempre o céu risonha adornas
Que teu brilho não tem fim.

E's tão bello, tão formoso,
Oh astro da solidão!
Oh lume mysterioso,
Arcano da creaçao!
Todo o mundo quer teu brilho,
Por isso vaes no teu trilio
Em toda a parte brilhar;
O Senhor assim t'o ordena,

Manda-te, estrella serena,
Outros mundos namorar... ■

Mas espera ! . . . Quanto és liada !
Quero ver-te, astro do céu,
Por essa saphira infinda,
Sem negro, ou nevado véu :
Mas vaes a terras estranhas,
E por choças e montanhas
Somes o rosto eternal :
Oh ! não vás, que em terra alheia
Talvez tu pareças feia,
Tu, tão bella em Portugal !

Sumio-se ! . . . oh luz d'agonia
Assim me deixas tão só !
Vem beija-la á campa fria,
De minhas mágoas tem dó :
Manda os teus raios celestes,
Por entre os verdes ciprestes,
Vem ah ! vem luzir aqui ;
Anda beijar-lhe o jazigo,
E dizer como eu lhe digo:
— « *Acorda; surge d'ahi !* » —

Tu fugiste ; e peregrina
Lá surge a lua nos céus —
Vem, com a face argentina,

Mostrar os encantos seus...
Mas eu despreso essa lua;
Amo só a face tua,
Só teu brilho quero ver:
N'essa saphira brilhente,
Quero ver-te rutilante
Surgir, reinar e morrer!

Despreso a lua, as estrellas;
A cõr do céu tão louçã:
Despreso as nuvens tão bellas,
Despreso a linda manhã...
Despreso orvalhos, e briza,
E a lympha que se divisa.
Banhando o lirio, a cecem:
Despreso a campina, o prado;
O pastor, o manso gado—
Despreso as choças d'além.

Despreso tudo que outr'ora
Com tanto amor adorei:
Despreso o que o mundo adora,
Amo tudo o que odiei:
Esta campa antiga e forte,
D'estes cyprestes de morte
O taciturno docel!—
Amo os mortos, a tristeza,

Amo o horror da natureza,
Como... o Senhor d'Israel ! —

Amo o silencio nocturno,
Quero ver morrer o sol:
Amo o mocho taciturno
E despreso o roixinol;
Amo essa luz de saudade,
Que aqui, n'esta soledade,
Pende alli d'aquella cruz —
Quero aqui, sobre esta louza,
Onde *minh'alma* repousa,
Prostrado dizer: « *Jesus!* » —

Gosto de beijar a terra,
E sobre *ella* soluçar;
Ver o sitio onde s'encerra,
A' froixa luz do luar:
Gosto até de minhas dôres,
Lembranças dos meus amores,
E de ler o nome seu!
Quizera abrir-lhe o sepulchro,
Ver seu rosto alegre e pulchro,
E dizer-lhe: — « *Olha... sou eu!* » —

Mas a lua recatada
Com seu aureo argenteo véu —
Já fugio apréssurada

Com as estrellas do céu;
Volta oh noite: eu quero vê-la,
Quero amar a *minha estrella*,
Que só com ella vivi:
Não quero o fulgor da aurora
Que, se toda a gente a adora,
Eu vendo-a, digo: — «morri! —

31 d'Agosto.

III.

Quando, estrella formosa, desciás
Té ás verdes, gentis serranias
Da saphira tão linda dos céus,
Assentei-me nas penhas erguidas;
Quiz fazer-te as finaes despedidas,
Quiz n'um beijo d'amor, dar-te a *Deus!*

Tu fugiste louça e medrosa,
Como virgem d'amor vergonhosa,
Que do timido amante fugio:
O teu brilho d'estrella-rainha
Mal apenas luzide lá tinha,
Nas montanhas d'além se sumio:

Fui depois, pelas verdes campinas,
Vèr banhar as mimosas boninas

Mil ríbeiros gentis de crystal —
Fui colher a nevada açucena,
Fui, nas sombras da noite serena,
Apanhar as violas do val !

E colhi a fôrmosa saudade,
E a florinha colhi da amisade,
E o nevado, odorante jasmim :
Colhi cravos, e lirios e rosas,
Madresilvas gentis e cheiroosas,
O cheiroso, vidente alecrim ;

Fui por montes, e serras e penhas,
Por campinas, e prados e brenhas,
A colher alga flor que lá vi....
Té a florinha louçã das montanhas
Apanhei, n'essas terras estranhas;
Té os goivos da campa colhi:

Fui da hastea da vida arranca-lás,
Vim na louza da morte estolha-lás...
Vim aqui seu aroma espalhar —
Vem, estrella, brilhar entre estrellás,
Com teus raios, teu brilho aquecê-lás...
Com meu pranto as virei rociar.

10 de Setembro.



IV.

Sobre estas penhas erguidas,
Estrella, vim-te esperar;
Mas as nuvens denegridas
Por esses céus espargidas,
Não te deixão scintillar.

Tu não vens, oh minha estrella,
Fulgurar n'um mar d'azul!
Temes a negra procella?
Encrespa-te a face bella
O fero sôpro do sul?

Brilha o raio, na tormenta,
Logo rebomba o trovão.—
Que á tempestade accrecenta
Frio horror, que mais s'augmenta
C'o brado de compaixão!

Eu não rezó.... desgraçado!
Minhas rezas esqueci —
N'este sepulchro sagrado
Crença e tudo! asferrolhado
Tudo que tenho, está qui....

Mas ás vezes no meu canto,
Nos meus versos sei rezar!

Mando ao numen sacro-sancto,
Como rezas o meu pranto,
Como crença o meu pesar !

Surge, estrella, que surgindo
Tu reinarás lá nos céus —
Vem mostrar teu rosto lindo ;
Vem vê-la, no sonno infiado,
Acalentada por Deus !

V.

Estrella ! que é de ti ? Jâ não fulguras.
Com ten froixo clarão, lá nas alturas,
Como até 'qui brilháras tão gentil ?
Que é de ti, minha estrella ? onde te occultas ?
Com meu pesar, meu pranto acaso exultas ?
Porque n'õe vens brilhar n'um céu d'anil ?

Mas ah ! talvez tu brilhes mais sombria,
Até que expire alsim a luz do dia ,
Sobre a lucida faixa occidental !
Tu és da noite o seu melhor thesoiro ,
Mas em doirada faixa aljosfar d'oiro
Sumido foi talvez n'esse oiro igual ;

Quero esperar que a noite s' adiante ,
Que luzas lá no céu como brilhante

Cahido d'um divino resplendor !
Mas a noite lá vem. . . . eis as estrellas. . . .
Lá surge a lúa alsim no meio d'ellas, . . .
Tu só não vens reinar com teu fulgor !

Quantas vezes eu vi, mesquinho e louco,
A faixa do horizonte a pouco e pouco
Ceder a cõr do ouro á do carmim !
E depois desparcer quando fugias,
Ficando-lhe as erguidas serranias,
Como enluctada faixa de nanquin :

Quantas vezes te vi por noite amena ,
A brilhar lá nos céus, linda e serena
Como candida alampada eternal !
Tu saltavas d'amor, risonha estrella !
Trazias-me sequer lembranças d'ella —
Vinhos vê-la na louza sepulchral !

Quantas vezes não vim apressurado
Sobre esta fria campa recostado ,
Aguardar que luzisses n'esses céus !
E tu meiga e louçã, vinhas tão triste
Dizer-me em teu fulgor : « Olha : ella existe ,
Lá n'essa corte infinda aos pés de Deus ! »

Quantas vezes também não vi teu rosto ,
Lá por noite formoza , em mez d'Agosto ,

De lindo veu toldado em céus d'anil!
Oh! como eu te seguia n'essas eras,
Até que pelas serras te esconderas.
Indo brilhar no mar, sobre esmeril!

Mas hoje que é de ti? Aonde ingrata,
Onde levaste o brilho e a côr da prata?
Teu rosto pelos céus não mais reluz?
Fugiste; e assim tão só me abandonaste
Bem-dito oh Deus! que apenas me deixaste
Na campa a crença, os olhos n'essa cruz!

1.º de Outubro.

A TORRENTE.

(A' Exm.^a Sra.^a D. C. Amelia Coutinho.)



LHA.... não vês, além, como a torrente
Por ingremes rochedos despenhada,
Salta, e resalta, com fragor ìngente,
E foge apressurada ?

Repara, e vê, ao longo das campinas,
Como agora, a teus pés, geme saudosa,
Por entre a verde relva, entre boninas,
Descendo vagarosa :

Depois... olha, lá vae sumir as agoas,
Com tão lugubre som, tão gemebundo,
Por esses areaes, entre essas fragoas,
No pélago profundo !

Imagen da existencia ! — Assim a vida
Por penhas tem acérbos dissabores,
Por tapete gentil d'herva florida,
Por bonitas — amores.

Tambem — ai triste ! — ao cabo da existencia
Fundo abysmo sem fim negrejar vemos,
Negro, negro... é a campa ! — Da innocencia
Ah ! foge, foge e amemos.

Coimbra 6 de Janeiro de 1848.

À BANHEIRA.

Beu filha das ondas, formosa banheira,
Nascida entre penhas á beira do mar :
De dia nas vagas eu brineo fagueira,
A's noites namoro da lua o luar !

Quando ella fluctua por noite formosa
Envolta em seu manto d'argenteo fulgor ,
Quando ella de gesos me falla orgulhesa,
Eu, filha das ondas, sorrrio d'amor !

Sorrio... o sorriso da pobre banheira
E' como ardentia nas ondas do mar....
E matão seus olhos se os ergue fagueira,
Se os baixa travessos á luz do luar.

Porem, se das vagas a virgem formosa
Do astro das noites adora o fulgor....
E' livre.... Das praias princeza orgulhosa
Aos filhos da terra não vende este amor.

Não vende.... innocent, risonha a banheira
Vae ver seus incantos, banhá-los no mar,
E, ás noites nas praias cantando fagueira,
Não córa de pejo da noite ao luar.

Da face crestada na cutis formosa
Revê-se-lhe d'alma celeste fulgor;
Singelos vestidos só traja orgulhosa,
Não compra com galas estupido amor.

Bem longe dos homens, a lèda banheira,
E' livre, mais livre que as ondas do mar;
Se em festas acaso se mostra fagueira,
E' mais namorada que argenteo luar.

D'altivas cidades a dama formosa
Que ostente de joias mentido fulgor....

Ostente.... que eu zombo da nescia orgulhosa,
Por ellas não troco, não troco este amôr....

Oh! nunea, que es gesos da pobre banheira
Não podem pagá-los as joias do mar....
De todos os nobres a vida fagueira
Não vale uma noite passada ao luar!

S. João da Foz — 1849.

OS DOIS CYSNES.

(Ao meu amigo Antônio Furtado Ayres de Góis)

CARÃO dois cysnes — no verdor das selvas,
Ao som de claras agoas,
Ambos alegres, ao nascer da aurora,
Seus carmes lhe trinavão — descontentes
Carpião suas magoas :

Soberbos ambos esvoaçavão ledos
Por entre as lindas flôres :
Ambos, nadando no sereno lago,
Orgulhosos, banhavão suas plumas,
Em delírio d'amôres :

E ninguem separá-los pertendesse
Que era baldado intento —
Juntos as magoas d'um sentião ambos ;
Viviaõ ledos — ignorando ainda
Da saudade o tormento.

Mas um dia raiou (funesto dia !)
Aurora da *partida* —
Um d'elles do *Mondego* aos densos bosques ,
Aos verdes salgueiraes , foi solitario
Gontar magoas da vida !

Perdeo a doce voz — matou-lhe o canto
Asperrima saudade :
Sósinho ao pôr do sol , sósinho ás noites ,
Ou d'aurora ao fulgor , vagava triste
Por erma soledade .

Margens formosas do seu patrio Doiro ,
Lobregas penedias ,
Erguidos montes , solitarios bosquês ,
Mais , e mais á lembrança lhe trazião
Da infancia amênois dias.

Ao companheiro . . . não ! Esse mais ledo
Na lympha da corrente ,
Nos jardins d'esmeralda , em céu d'amores ,

S'espantejava airôso, e rei dos bosques
Trinava alegremente !

Canções que elle cantou d'amor nascidas,
Nascidas da ventura,
Oh ! que lindas não são ! — Ninguem na terra
Mais harmoniosos carmes escutara,
Mais languida brandura.

Mas um dia o cantor volvendo do exílio,
Das margens do Mondego,
Do companheiro aos bosques : mas sombrio
Em turbida corrente, a vida arrasta
Em díaro dessocego !

Chegou... embalde chama : no deserto
Expirão seus clamores,
Que altivo o companheiro, abrindo as azas,
Com vôo d'aguia foi, aos pés do Eterno,
Tecer os seus louvores !

E o cysne solitario apenas ousa,
No seu viver tyranno,
Boiar em pobre lago... — mas sobre elle
Campêa o espaço immenso, e ao longe brame
O tumido Oceano !

QUE FIZESTE!

M beijo teu, na terra, entre a procella,
E' luz d'esp'rança ao nauta no deserto
D'encapelladas ondas; meiga estrella
Ao desterrado, que, com passo incerto,
Busca por ella, a nataliciâ terra;
Um beijo teu.... mas, doida, que fizeste?

Não sabes, malfadada,
Que n'um beijo d'amor tu me perdeste?

Que tens em dura guerra,
De lutar contra mim, ou bondadosa,
Por penhor d'affeição —
Matar-me a cada instante com teus beijos.
Doces desejos, ou cruenta e irada,
Aos meus pedidos responder-me, não!

O MEU REGADO.

EMILIA! quem d' te dera
Um beijo do trovador?
Quem de ti cá m' trouxera
Meigo sorriso d'amor?
Quem matasse esta incerteza,
Das saudades a tristeza;
Quem matasse esta fereza,
Estes requintes de dor?

Vou mandar-te o meu recado
Nas azas d'um serafim,
Que te busque apressurado,
N'uma nuvem de marsim :
Porem não, qu'elle amoroso,
Ao ver teu rosto formoso,
Oh ! talvez . . . e eu sou cioso ! . . .
Já não quero o cherubim.

Vou mandar-t'o pela brisa,
Que anda nos céus a cantar,
Qual bella sacerdotisa
No sanctuario a rezar :
Mas não, que ao verte tão pura,
Póde roubar-te a candura,
Incitar-te a ser prejura,
Ensinar-te a variar !

Vou mandar-t'o , minha bella ,
Por um astro lá dos céus :
Vou . . . mas não ! que póde a estrella
Ao ver os agrados teus ,
Ter ciume , e de raivosa
Crestar-te a face mimosa ;
A cõr da neve e da rosa ,
Roubar-t'a c'os raios seus .

Eis lá corre pelos ares
Ligeira nuvem gentil ;
Vou mandar-te os meus pezares
Dentro em seu gremio d'anil :
Ah ! corre, corre apressada,
Vae buscar a minha amada,
Ao achá-la, socegada
Dize-lhe entre affagos mil :

— « E' elle que a ti m'envia,
O teu pobre trovador ;
Entre as magoas da agonia ,
Dá-te um osculo d'amor....
Vae e volta n'um basejo ,
Trazendo-me d'ella um beijo ,
Com que mate este desejo ,
Com que minore esta dor !

Mas não vás importuna-la ,
E rasgar-lhe o coração ;
Voa antes procurá-la ,
Sobre as azas d'um tufão :
Pousa-m'a depois mais ledá ,
N'esses teus braços de seda ,
Entre as sombras da alameda ,
N'esta triste solidão !

Não: corre, corre co'o vento —
Lá pelos campos dos céus;
Quero sofrer meu tormento,
Soffrer os desgostos meus —
Que tu, oh nuvem, ao ve-la
Tão innocent, tão bella,
Tu fugias-me com ella,
Ias levá-la ao teu Deus!

17 de Fevereiro 1848:

A MINHA PÁTRIA

(*Invitação.*)

PÁTRIA! tu dormes? O pèzo
Não te opprime dos grilhões?
Não sentes seu vil desprès?
Tu, a flor das mais nações?!
Foste vaidosa rainha
Do mar, que a custo sustinha
Teus soberbos mastaréus!
Hoje dormes deseancada,
Dormes na campa adornada
Com teus antigos trophéus.

Oh ! não durmas , que o teu sonno ,
Que esse lethargo é fatal :
Acorda , sobre aureo throno ,
Vem reinar , oh Portugal .
Veni , d'esse abysmo profundo ,
Vem dictar as leis ao mundo ,
Vem colher novos laureis . . .
Empunha a ferrenha adaga ,
E destróe , derruba , esmaga
Valídos , servos , e reis !

Não te esqueças d'esses dias
Em que Roma desmaiou !
Quando , ás tuas galhardias ,
A fronte no chão curvou :
Quando as aguias arrastradas ,
Dos corceis aos pés calcadas ,
Baquearão lá dos céus ;
Quando á tua voz , o solio
De *Romulo* — o Capitolio
De pavôr estremeceu .

Oh ! não risques da memória
D'Ourique os verdes laureis ,
Quando a palma da victoria
Arrancaste a estranhos reis :
Quando do Tejo a rainha

Baqueou — quando mesquinha
Sanclarem se fez christã ;
E , com valor jámais visto ,
S'ergueo o pendão de Christo
Entre os escravos do Islam !

Lembre-te o sangue vertido
Lá nas praias d'alem-mar ,
Quando o *povo* destemido
Foi *por ti* a batalhar !
Onde jaz hoje esse brio
Que, nas muralhas de Dio,
Mostraste ao mundo — onde está ?
Qu' é da lança , que escrevia ,
Em cada pedra que erguia ,
— Portugal e Jehovah! ? —

Então eras tu valente ,
Eras leão entre mil ,
Qu' um só d'entre tua gente
Não sonhára vir feito vil .
Foi então qu'entre as tormentas
Abrindo o mar . . . apresentas
Novos mundos , novos céus . . .
Lisboa é de mar princeza ,
Perde a soberba Veneza
O sceptro dos escarcéus .

Foste um povo de Romanos,
Do mundo altivo leão;
Hoje, escravo dos tyrannos,
Nem te peza a escravidão !
Que fazes da antiga fama ?
Manchas os loiros d'un Gama ?
Manchas d'Almeida os laureis ?
Caleas a c'roa d'un Castro. . . .
E' que dos povos o astro
Sumio-se, brilha o dos reis !

Patria ! Patria ! que delícto
Te veio assim esmagar ?
Nem da maldição o grito
Tu podes livre soltar !
Não podes, não, que o verdugo
Mais ferreo te aperta o jugo
Que te comprime a cerviz. . . .
Abranda as iras do Eterno ;
Oppoe ás tramas do inferno
Um novo Mestre d'Aviz !

Mas se primeiro o teu crime
Com sangue s' ha-de remir ,
Se do jugo que te opprime
Te has-de livrar no porvir —
Se a victima expiatoria ,

Pode dar-te nova gloria,
Reverdecer teus laureis.—
Verdugos! alçae o ferro,
Alçae, que da patria o erro
Com *meu sangue* apagareis.

Porto — 1849.



O LIVRO DOS ASTROS.

 PENAS o dia expira
Amostra a noite nos céus,
O seu livro de saphira
Alli *tragado* por Deus:
Tem uma folha somente—
Em cada letra luzente
Cem *mysterios* eternas;
Não sei o que tem escripto;
Porem n'um livro infinito.
Muito lerião mortaes.

Letras, que tem, são *estrelas* ;
Cada letra um mundo é ;
— Eu crio no fogo d'ellas
O fogo da minha fē :
No mais não sei entendē-lo . . . ;
Pasmo d'extatico ao vē-lo ,
Mas decifra-lo não sei :
Não sei , nem quero — na terra
Mysterios , que o livro encerra ,
Eu por mim nunca os lerei .

Nunea os lerei — e no mundo
Quem os sabe decifrar ?
Só no seu roncar profundo
M'os diz de contínuo o mar . . .
Elle sim : mas quem n'o entende ?
Oh ! quem das ondas compr'ende ,
Soberbo , eterno preg'io ?
I'a não , que só leio n'ellas ,
Sô me dizem as *estrelhas* ;
— « *Creador e criação !* » —

Decifra-m'o a tempestade
No soprar do vendaval ;
O trovão na imensidade ,
M'o diz com brado infernal :
Mas quem sabe o qu' elle falla ?
Do trovão , que ao longe estalla ,

Quem compr'ende átro clamor?
— A mim, dizem-me as procellas,
Os escareéus, as estrellas,
— « *Creação, e creador!* » —

Mas quando, ás noites s'escuta
Do mar altivo pregão;
Quando o céu todo s'enlucta,
E brilha a luz do trovão;
Quando contemplo abysmado
D'immensos soes semeado
O campo immenso dos céus —
Pasmo.... do infinito a imagem,
Diz-me em estranha lingoagem:
— « Tudo que vés não é Deus?

A' MINHA LYRA.

QUANDO nasci deo-me a lyra
Lindo archanjo do Senhor,
Dizendo-me: « Tem trez cordas:
N'uma d'ellas canta amor,
Na segunda a patria tua,
Na terceira o Redemptor. »

Eu peguei da lyra d'oiro
Doces canções entoei;
Cantei d'amor as delicias,
D'amor as penas cantei;
As glorias da minha patria,
O meu Deus apreg oei.

Hoje ainda a pobre lyra
Canta os mysterios d'amor ;
Canta as victorias da patria,
Canta os dons do Creador ,
E já que a lyra assim canta
Bendito sejas , Senhor !



A UM JOVEM.

No nascer puro e viçoso
De lindo, sereno dia,
Nunca foste pezaroso,
Ao alto da serrania,
Um nome ás serras contar?
E, curvado ao pé do monte,
Ao sol, que luz no horizonte,
Tuas magoas confiar?

Quando, ao longo das campinas,
Viste sereno ribeiro
A trinar canções divinas
De divino cancioneiro,
Nunca choraste de dor ?
E ao regato, que gemia,
Contaste a tua agonia,
As penas do teu amor ?

Quando formosas estrellas
Em ondas d'azul tremião,
Jamais ao vê-las tão bellas,
Do pesar que t'infundião
Uma saudade nasceo ?
Não gemeste d'amargura ?
Não confiaste a ternura
Aos lindos astros do ceu ?

Nunca sentiste d'amores
Tremor, estallar teu seio
Ao ver as viçosas flores
Enlaçar-se em doce enleio
E não lhe disseste assim :
— « Oh ! essa cor, tal lindeza
Recorda-me a gentileza
De formoso cherubim ? »

Quando, por noites d'inverno,
O raio nos céus luzia,

E o trovão , qual voz do inferno ,
Longe , e ao perto rebramia —
Não sentiste igneo volcão ?
E , nas lages da calçada ,
Poisaste a fronte abrazada ,
Congelaste o coração ?

Jamais , por entre folias ,
Divagando como espectro ,
Onde , em throno d'alegrias ,
A ventura empunha o sceptro —
Sentiste magoas d'amor ?
E ao vè-la assim nas folganças ,
Voar em ligeiras danças
Não estallaste de dôr ?

Vendo no campo da morte
Alvejar rasteira lousa ,
Nunca , abraçando , em transporte ,
A cinza que alli repousa ,
Foste , em segredo chorar ?
Não te lembreste que um dia ,
Tambem assim dormiria
A virgem do teu sonhar ?

Se tal é... nunca adoraste...
Foste sempre malfadado !
Doido , no mundo vagaste ,

Como sombra de sinado,
Como rei dos mausoleus !
Nem tens vida , nem tens alma ,
Que do sofrimento a palma
Mata o homem , cria um Deus !

Porto — 1848.

O LAUREL DO BARDO.



Is-me c'roado emsím : videntes loiros
Não me adornão o rosto macerado ;
Loiros, ceifados ao troar dos peloiros,
Esses não — são da fronte do soldado.

O laurél , que ceifei , é mais brillante ;
A c'roa do infeliz é mais augusta ;
A da guerra é de sangue gotejante . . .
Mas a d'espinhos lagrimas só custa !

Fui ditoso : — cantei na pobre lyra ,
Doces esp'ranças , languidos amores :
Hoje o bardo , que triste inda suspira ,
Tem o diadema de pungentes dores.

Ceifei-o , sim : — da lyra as debeis cordas
Despedaçou-m'as a fatal desgraça !
E que m'importa , do sepulchro ás bordas ,
Liber-lhe o fel em venenosa taça ?

Mais um martyrio . . . do cypreste a palma ,
Uma illusão n'un tumulo perdida !
Retalhado d'angustia o seio d'alma
Entre martyrios , que m'importa a vida ?

Anjo , perdi-te . . . E no fragor da guerra
Não perde o forte os membros mutilados ?
E o marinheiro , á foz da patria terra ,
Não succumbe nos mar's encapellados ?

Elles riem . . . tu gemes , vil cobarde !
Porque perdeste da existencia a *es'rella* ?
Não chores , não , que sentirás , mais tarde ,
Outro amor , dos martyrios na procella .

Folga . . . do amor a corda está quebrada ,
A da *crença* tambem ei-la perdida . . .
Mas a da *patria* , oh ! não , que abandonada
Será só quando me abandone a vida .

Porto — 1849.

LEONARDO.

(*Romance marítimo.*)



ENCAPELLADO o mar, bramindo altivo,
Açoita as nuvens, no luctar contínuo
Das enerespadas, marullhosas vagas:
F, do mar á mercè, navega ao largo
Inda, veloz galé, fluctua *airosa*,
Desenrolada ao vento das procellas,
Des *catalies* a tumida bandeira:
E do sol ao fulgor nos altos mastros,

Na popa e tombadilho lá fulgurão
Açacalados ferros : pela enxarcia
Zumbindo o furacão ensuna as vellas ;
E as encrespadas ondas sobem, saltão
D'estibordo a bombordo.... Oh ! que é sublime
A proeza no mar, quando o marujo,
Entre a immensa extensão d'immensas agoas,
Não vê, em torno a si, mais que um sepulcro :
Das manobras o som — os ais, os gritos ,
A celeuma dos nautas vão perder-se
No bramido das ondas.... Não s'escuta
Mais que o brado solemne da tormenta !

Bem junto da amurada , pensativo
Gentil mancebo está : não longe d'elle,
Co'a ferrea espada se diverte alegre
Formosa dama , no verdor dos annos ,
Linda , como luar d'argentea lha
Doirando da galé a longa esteira ;
Mais pura do que a estrella d'alvorada
A brilhar por manhã de primavera.
Oh ! quem a visse alli , no longo oceano ,
Como aljofre a boiar ao som das ondas ,
Só por fagueiro olhar d'aquelles olhos ,
Por branda , doce falla de piedade ,
Por um sorrir d'amor lhe dera a vida.

Mas ella , d'un marujo meiga esposa ,

Adora a luz do raio; e das procellas
Ao feroz estampido, á voz dos mares,
Ao ver as nuvens, lá n'um céu de trevas.
Como c'roa do nauta, amontoadas
Entre medonhas, denegridas sombras,
Sorri-se desdenhosa, que o sepulchro,
Que os derradeiros trances da agonia
Gratos lhe forão junto do consorte.

Leonardo tambem mais a adorava
Do que aos virentes loiros da victoria:
Era-lhe a voz da esposa mais suave,
Mais doce, que o bramir das crespas ondas:
Adorava-a tão cego, como adora
O misero, que soffre, a paz dos vermes,
A grinalda de goivos d'uma campa.
— Inda ha pouco, ante as aras sacro-sanctas,
Com nevados festões d'alva açucena
Da virginal esposa a fronte ornára!
Inda ha pouco.... Infeliz! e já tão cedo
P'a guerra no furor, á voz da morte,
Qual gigante soberbo do oceano,
Fijo que vae altivo, como o raio,
Novos loiros ceifando destemido,
De Génova o pendão sumir nas vagas!

Senhos d'ingano, que adejaes risonhos
Em torno do infeliz: doces chymeras

De phantastica luz , de meiga esp'rança ,
Fugi , deixae-o a sós : — deixae que o triste
Espraie inda uma vez olhos e vida
Pela vasta amplidão das vastas ondas !
Deixae que á patria , no sorriso extreino ,
Da meiga viração nas pandas azas ,
Envolto n'alma envie o *adeus* da morte . . .
Oh ! deixae-o apertar , d'encontro ao seio ,
D'encontro ao coração , a meiga esposa ,
Anjo de paz e amor , que ha-de perder-se ,
Que ha-de sumir-se , despar'cer bem cedo ,
Como a florinha do volcão tisnada
Entre os estragos de sangrenta guerra !
— Oh ! folga , folga alegre , que o sepulchro ,
Das crespas agoas no retiro eterno ,
E' sempre grato ao pobre marinheiro !

O mancebo estremece , e os olhos lança
Pela extensão das vagas que , bramindo ,
Em torno da galé servem soberbas !
Mudo , immovel ficou . Co'as negras azas
N'alma lhe adeja horrivel pensamento ;
Arfa-lhe o seio ardente , e em fogo , corre
De veia em veia , transformado o sangue !
Do ciume o furor , d'amor as chammás ,
Lh' offuscão da razão celeste fogo . . .
Vê na mente , em delirio , a triste esposa ,
Da escravidão os ferros arrastrando ,

A's plantas d'um senhor curvar a fronte.
Ouve-lhe os ais d'angustia , e vê nas faces
Um longo fio a deslizar-lhe o pranto....
— Gotas d'orvalho na cecem mimosa.—
Treme... ao peito , em furor , estreita a esposa
Entre os robustos braços , qual s'enrosca
Na columna quebrada , em ermos sitios ,
Venenosa serpente :

« Esposa , esposa ,
(Elle lhe diz) não sabes ? dentro n'alma
Negro , horrivel presagio me atormenta !....
Olha.... não vês já perto navegando
De *Sakagro* as galés , onde soberbo
O pendão genovez tremula ao vento ?....
Vamos luctar.... De morte horrivel lucta
Vae reinar junto a nós : o sol da aurora ,
Qu'inda a surto transluz ao rez das agoas ,
Ha-de ver espumar sangrentas ondas ,
Ouvir do moribundo o arranco extremo ,
A grita das batalhas.... Ha-de , oh bella ,
Talvez.... quem sabe ?.... ver boiar nas vagas
Do esposo teu o inanimado corpo....
E.... (tormento do inferno !) aos pés d'um tigre
Da c'roa d'*innocencia* , que te adorna ,
Seccas , dispersas as mimosas flores.... »

Ignez tremeo : — o rosto melindroso
O anjo do pezar veio toldar-lhe

Com denso espesso véu , em mar de gelo
Desbotando-lhe as rubras , lindas rosas . . .
— « Esposo (ella lhe diz com voz sumida)
Se entre nós e o futuro se elevanta
Uma tumba de morte , ao menos juntos
Iremos ambos , sim , á eternidade ! »

Mais queria dizer , — á flor dos labios ,
Veio o pranto embargar-lhe as doces vozes :
Ergueo as mãos , no céu os olhos fita ,
E junto ao meigo esposo , — como a virgem
De Thabôr , ante as aras , — ajoelhando
Aos céus envia fervorosas preces . . .
Reza e reza : o rezar consola o triste !
A oração do infeliz é tão suave ,
Como a bonança a dissipar as trevas ,
As densas , negras nuvens da tormenta.

Porem já lá vem perto empavezada
De *Sa'agro* a galé : o vento ensuna
As espaçosas vellas , sibilando
Por entre a enxarcia com bramido horrendo . . .
No tombadilho , e vergas , nas antenas
Apinhados de *Genova* os marujos ,
Rija celeuma aos céus envião ledos ;
A' c'roa da victoria sacrificio
Braços e corações . . . O mar resalta
Em torno da galé , co' a branca espuma
Açoitando o velame , e os altos mastros .

Segue-a não muito longe a nobre armada
Do altivo genovez,

— « A' guerra ! á guerra !

Eia ! marujos, da victoria os loiros
A quem valente batalhar comigo ,
E as salsas ondas escolher por tumba !
Vergonha eterna ao misero cobarde
Que aos ferros d'u n senhor off'reça os pulsos ! »

Fissse ; e valente se arremeça altivo ,
Beijando a esposa , que assustada tremê ,
Dos catalács ao centro : ferreas machinas ,
Entre nuvens de settas , vomitando
Por toda parte a morte , horrivel braço
Vão confundir das ondas co' o bramido !
Unidas as galés , tocão-se as vergas ,
As vellas d'ambas ; e o tinir dos ferros ,
O sibilar das pedras , os gemidos ,
As preces da maruja , o horror e a morte
Reinão por toda a parte em densas trevas !
O espaço rasgão mutilados membros ,
E em sudario de sangue amortalhados
Arquejão no convez sangrentos corpos . . .
Tudo é perdido . . . Chovem , como raios ,
Os guerreiros de Génova nas vergas ,
Antennas , tombadilho ! . . .

« E' tudo escravo....;

Tudo é nosso , soldados ; do triumpho
A aurora , que raiou , nos trouxe a c'roa . »
Salagro assim bradou , e , destemido ,
Como o cédro no meio das montanhas ,
Ao vencido infeliz roxeia os pulsos
Co' os pezados grilhões do captiveiro !

Cançado de luctar , junto da esposa
Leonardo correu : — « Perdido é tudo
Ignez , querida Ignez !.... — « Tudo é perdido ? » —
Ella repete , e dos formosos labios
Brando sorriso lhe fugio fagueiro ,
Mas triste , como a hora do crepusculo ,
Como extremo fulgor da luz do dia....
— « *Perdido é tudo !* » — e co' os nevados braços ,
— Nivea cadea de formosos lírios —
Quer estreitar ao seio , em doce abraço ,
Seu caro esposo ; mas em vez do seio
Junto do coração lh' encontra um ferro....
Grita.... estremece : — e o rosto , já coberto
Da pallidez da morte , encosta á face
Do perfido assassino.... — « Esposo , esposo ,
Alma d'est'alma , assim me deste a morte ?....
Na flor da vida.... como abraço extremo.... »
Disse , e , n'elle fitando os ternos olhos ,
N'um ultimo sorrir , na voz da morte ,
Esposo ,inda repete e cae e expira
Balbuciando a custo : « *esposo ! esposo !* »

Immovel , como a pedra d'uma campa,
No corpo da infeliz os olhos crava
O misero amador. A' flor do rosto
Do desespero e raiva a luz lhe brilha....
Estremece.... o semblante é fogo e sangue....
Tremem-lhe os membros , tremem-lhe na fronte
As alterosas , encruzadas veias !
Chorou em fim , e o ferro ensanguentado ,
Arrebatando da consorte ao peito ,
Aponta ao coração : — « *Esposa ! esposa !*
Anjo , — fui n'este mundo o teu verdugo....
*Serei escravo teu na eternidade ! »
— Disse.... e porem ás crespas , salsas ondas
Do vencedor a espada , d'um só golpe
Antes que o ferro ao coração chegasse ,
Ensanguentado lh' arremeça o craneo....*

Entre os gemidos do infeliz vencido ,
No bolicio das ondas emballados
Deixa e dormi-los , que no sonno eterno ,
Na paz do tumulo , em sonhar d'amores ,
Não gemem tristes c'os vergões d'escravos ,

FIM.

Quando obstante termos tido algum cuidado com a revisão das *provas*, não podemos todavia evitar alguns erros typographicos, cujos principaes aqui apontamos.

Pag.	Versos.	Erros.	Emendas.
13	7	christão <i>curto</i>	christã
34	20	bella e contente	bella, innocent
36	22	como o raio	como o raio,
55	6	á soiidão,	a soiidão,
59	8	cinzel?	cinzel.
159	5	arreigar-me	ameigar-me
"	12	<i>meiveos</i>	meigos.

Pero

Silva

Junior

Ludovica

Ludovica

Porto

B de Lis.

16

BB

This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.

APR 13 1971 ILL

REF 324.453

FEB 16 1974 ILL

CANCELLED

BOOK DUE WID

JUL 7 1979

REF 1015

1978

Port 5946.3.20

Vozes d'alma.

Widener Library

002810418



3 2044 080 821 713